

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
ARTES VISUAIS BACHARELADO

RAFAEL VAZ DE SOUZA

**A POESIA TEM QUE SER VIVA, ASSIM COMO O POETA**

GOIÂNIA  
2023



**UFG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Rafael Vaz de Souza**

Título do trabalho: **A poesia tem que ser viva, assim como o poeta**

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### **Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 26/01/2024, às 11:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rafael Vaz De Souza, Discente**, em 26/01/2024, às 13:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

RAFAEL VAZ DE SOUZA

**A POESIA TEM QUE SER VIVA, ASSIM COMO O POETA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso Artes Visuais  
Bacharelado da Faculdade de Artes Visuais  
da Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Manoela dos Anjos Afonso  
Rodrigues.

GOIÂNIA  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Souza, Rafael Vaz de  
A poesia tem que ser viva, assim como o poeta [manuscrito] /  
Rafael Vaz de Souza. - 2024.  
LXXXIX, 89 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV),  
Biblioteconomia, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. artes visuais;. 2. poesia;. 3. poeta;. 4. rua;. 5. poema;. I.  
Rodrigues, Manoela Dos Anjos Afonso, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 24 dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se, às 15h45 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **A poesia tem que ser viva, assim como o poeta**, de autoria de **Rafael Vaz de Souza**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela orientadora e presidente da banca, Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Elisângela Gomes (FIC/UFG), Prof. Me. Pedro Ivo Cipriano Inocência, e Prof. Renato Gomes Soares (Renato Negrão). Após a apresentação, a Banca Examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) ao estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**. A Banca Examinadora ressalta a relevância da pesquisa realizada e recomenda a sua continuidade em nível de mestrado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues**, **Professor do Magistério Superior**, em 24/01/2024, às 21:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Ivo Cipriano Inocência**, **Usuário Externo**, em 25/01/2024, às 09:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elisângela Gomes**, **Usuário Externo**, em 25/01/2024, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **RENATO GOMES SOARES registrado(a) civilmente como Renato Gomes Soares**, **Usuário Externo**, em 02/02/2024, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4332508** e o código CRC **B21A0E87**.

**RAFAEL VAZ DE SOUZA**

**A POESIA TEM QUE SER VIVA, ASSIM COMO O POETA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à banca examinadora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Goiânia, 24 de Janeiro de 2024

Banca examinadora

---

Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues –  
Orientadora - Universidade Federal de Goiás

---

Profa. Dra. Elisangela Gomes - Faculdade de Comunicação -  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Me. Pedro Ivo Cipriano Inocêncio  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professor Renato Negrão - Escola Guignard -  
Universidade Estadual de Minas Gerais



## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a meus ancestrais, que escreveram esta história muito antes de meu nascimento, por lutarem e darem suas vidas para que eu pudesse estar agora vivo para contar.

À Exu, dono dos caminhos e das novidades, dono e mestre de minha família há gerações, quem me tirou do caminho da morte, que me ensinou como me comunicar e o poder das palavras. Laroyê!

À Zé Pilintra, malandro e mestre, que caminhou em vida pelos mesmos caminhos que eu, que deixou o seu rastro por onde passou, estás ao meu lado desde meu nascimento e guia meus caminhos até meu último dia.

À minha mãe, Maria Simão de Souza, que me ensinou o amor em meio a guerra, preparou meus olhos pra ver e me ensinou a empatia.

À meu pai, Sebastião Vaz da Silva, que doou sua força de vida para que não faltasse nada aos seus filhos e que me ensinou a linguagem dos pés e da cabeça.

Aos meu irmãos, que me protegem e me ensinaram as primeiras manias artísticas, que são originais na forma de viver e me devolvem sempre ao meu primeiro eu.

Aos meus amigos, que foram sempre minha família maior, que se estendem entre meros conhecidos até verdadeiros irmãos de outra mãe. Sem vocês neste universo, me sentiria só e não teria aprendido absolutamente nada.

À Manoela do Anjos, pelo cuidado e carinho com que conheceu e recebeu minha pesquisa, por me acolher em momento tenso deste trabalho e me orientar até o fim deste percurso.

**A todos, todas e todes. Filhos da Rua!**



"MARIA BÔBOBÔ"

R.VAZ 20

## RESUMO

Esta é uma pesquisa em arte que tem como objetivo geral compreender como têm se dado as relações entre palavra e imagem nos meus processos de criação. Para isso, recorri à narrativa autobiográfica para contextualizar as experiências vividas entre Altamira e Goiânia que hoje considero relevantes para situar a minha trajetória como poeta e artista. Ao relatar o meu percurso, procurei observar nos trabalhos criados anteriormente como a poesia tem alimentado a minha produção visual e, também, como a imagem passou a se comportar como poema. Nesse processo, percebi que há uma interação importante entre três elementos-chave para a compreensão do meu fazer artístico: o poeta, a rua e o poema. Nesta pesquisa, escrevo sobre alguns métodos, procedimentos e materiais implicados nesse meu fazer e compreendo que, desde a minha chegada a Goiânia, em 2010, a rua foi não só a forma de me integrar ao novo espaço urbano, mas foi também parceira nos processos de criação. Na rua passei a registrar o que via, ouvia e sentia, e no meu trabalho passei a transformar escutas e vivências em poemas. Esta pesquisa resulta num trabalho artístico novo que consiste em três Poemas - Maria, Zé Pilintra e Sebastião, trabalho que se torna ponto de confluência para tantas histórias sobre coração, desabafo, cidade e poesia, histórias que situam o artista e poeta que sou.

Palavras-chave: artes visuais; poesia; poeta; rua; poema;

## **ABSTRACT**

This is an art research with the general objective of understanding how the relationships between words and images have occurred in my creative processes. To do this, I used the autobiographical narrative to contextualize the experiences lived between Altamira and Goiânia that today I consider relevant to situate my trajectory as a poet and artist. When reporting my journey, I tried to observe in the works previously created how poetry has fed my visual production and, also, how the image started to behave like a poem. In this process, I realized that there is an important interaction between three key elements for understanding my artistic work: the poet, the street and the poem. In this research, I write about some methods, procedures and materials involved in my work and I understand that, since my arrival in Goiânia, in 2010, the street was not only the way to integrate myself into the new urban space, but it was also a partner in the processes from creation. On the street I began to record what I saw, heard and felt, and in my work I began to transform listening and experiences into poems. This research results in a new artistic work that consists of three Poems - Maria, Zé Pilintra and Sebastião, a work that becomes a point of confluence for so many stories about heart, outburst, city and poetry, stories that situate the artist and poet that I am.

Keywords: visual arts; poetry; poet; street; poem;

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – <i>Acampamento da Pastoral da Juventude da Diocese do Xingu</i> , 2009. Altamira-PA. Fonte: Arquivo Pessoal.....	25
Imagem 2 – <i>Casa da Família Vaz</i> , 2021. Altamira-PA. Fonte: Arquivo Pessoal.....	26
Imagem 3 – <i>Livro Didático - História 8 Série</i> , 1997. Editora FTD. Fonte: <a href="https://images.app.goo.gl/En1rkKKpiH1V1sP89">https://images.app.goo.gl/En1rkKKpiH1V1sP89</a> .....	29
Imagem 4 – <i>Graffiti de Diogo Rustoff e El Mendez</i> , 2008. Alameda Botafogo-Centro. Goiânia-GO. Fonte: Arquivo Pessoal.....	37
Imagem 5 – <i>9 Sábado no Parque Vaca Brava</i> , 2014. Foto: Samara Núbia.....	40
Imagem 6 – <i>Minha casa são meus pés</i> , 2019. Sandália de Couro. Fonte: Arquivo Pessoal.....	45
Imagem 7 – <i>UFCentro n.44</i> , 2018. Avenida Goiás, Centro - Goiânia-GO. Fonte: UFCentro.....	48
Imagem 8 – <i>Retratos para Ocupação</i> , 2020-2021. 250 x 120 cm. Giz de Cera, Pastel, Lápis de Cor e Caneta Ink. Papéis variados. Foto: Paulo Rezende.....	50
Imagem 9 – <i>Post Instagram - 23.03.2021</i> , 2021. Fonte: Instagraml.....	51
Imagem 10 – <i>Maria Navalha e Zé Pilintra</i> , 2019. 217 x 157 cm. Acrílica sobre Madeira. Fonte: Arquivo Pessoal.....	52
Imagem 11 – <i>TODOS OS DIAS ELES NOS MATAM, TODO DIA NÓS NASCEMOS</i> , 2019. 100 x 88 cm. Cabeceira de Madeira. Posca, Acrílica e Colagem. Foto: Paulo Rezende.....	55
Imagem 12 – <i>Diário de Artista - 2018, 2023</i> . Fonte: Arquivo Pessoal.....	58
Imagem 13 – <i>Lambe colado na Praça Universitária</i> , 2015. Foto: Alessandra Castro..	59
Imagem 14 – <i>Eu sei que às vezes eu só agrido</i> , 2018. 41 x 41 cm. Acrílica sobre Madeira. Foto: Paulo Rezende.....	61
Imagem 15 – <i>Retalhos para Colagem</i> , 2023. Fonte: Arquivo Pessoal.....	63
Imagem 16 – <i>Terror; Sensações; Quase</i> , 2019. Colagens analógicas. Papéis variados. Fonte: Arquivo Pessoal.....	64
Imagem 17 – <i>Colagens analógicas</i> , 2018-2023. Papéis variados. Fonte: Arquivo	

peessoal.....	65
Imagem 18 – <i>Colagens analógicas</i> , 2018-2023. Papéis variados. Fonte: Arquivo pessoal.....	66
Imagem 19 – <i>Lambes</i> , 2023. Faculdade de Artes Visuais - UFG. Fonte: Arquivo Pessoal.....	68
Imagem 20 – <i>Desenhos de Estudos</i> , 2023. Lápis HB sobre papel 180g. Fonte: Arquivo Pessoal.....	70
Imagem 21 – <i>Retratos em desenho sobre madeira</i> , 2023. Fonte: Arquivo Pessoal...73	
Imagem 22 – <i>Momento em ateliê no CCUFG</i> , 2023. Fonte: Arquivo Pessoal.....75	
Imagem 23 – <i>Poema: Marias</i> , 2023. 30 x 30 cm, Acrílica sobre madeira. Fonte: Arquivo pessoal.....77	
Imagem 24 – <i>Poema: Zé Pilintra</i> , 2023. 30 x 30 cm, Acrílica sobre madeira. Fonte: Arquivo pessoal.....78	
Imagem 25 – <i>Poema: Sebastião</i> , 2023. 30 x 30 cm, Acrílica sobre madeira. Fonte: Arquivo pessoal.....79	
Imagem 26 – <i>Poemas: Marias, Zé Pilintra e Sebastião</i> , 2023. 30 x 96 cm, Acrílica sobre madeira. Fonte: Arquivo pessoal.....80	

## **IMAGENS DA SÉRIE RETRATOS PARA OCUPAÇÃO**

Imagem 01 - <i>Esú</i> , 2020. 13 x 10 cm. Giz de Cera, Lápis de Cor e Caneta Ink. Papel Sulfite.....	07
Imagem 2 - <i>Maria Bôbobô</i> , 2020. 20 x 13 cm. Giz de Cera, Lápis de Cor, Caneta Ink. Papel Texturizado.....	10
Imagem 3 - <i>Sem Título</i> , 2020. 15 x 10 cm. Tinta Acrílica. Papel 180g.....	17
Imagem 4 - <i>Sem Título</i> , 2020. 15 x 10 cm. Tinta Acrílica. Papel 180g.....	20
Imagem 5 - <i>Zé Pilintra</i> , 20. 21 x 20 cm. Giz de Cera, Pastel Oleoso, Posca. Papel Texturizado.....	32
Imagem 6 - <i>Malandro</i> , 2020. 19 x 13 cm. Giz de Cera, Lápis de Cor, Posca. Papel Texturizado.....	57
Imagem 7 - <i>Sem título</i> , 2020. 22 x 15 cm. Giz de Cera, Pastel Oleoso, Posca. Papel Reciclado.....	81

Imagem 8 - *Sem título*, 2020. 19 x 18 cm. Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Ink. Papel Sulfite.....86

Imagem 9 - *Xangô*, 2020. 19 x 13 cm. Lápis de Cor, Tinta Acrílica, Caneta Ink. Papel Sulfite.....89

## SUMÁRIO

SOU POETA, PASSO FOME.....	18
O POETA.....	21
A RUA.....	33
O POEMA.....	58
PRECISO COMER PALAVRA TODO DIA.....	82
REFERÊNCIAS.....	87



## **SOU POETA, PASSO FOME**

Desde os primeiros dias, depois que cheguei em Goiânia, em 2010, passei a registrar tudo o que haveria de acontecer dali para frente. Os primeiros registros vieram de pequenos relatos em diário e os pequenos relatos um dia se tornariam poemas. Foi a partir daí que comecei a contar sobre minhas experiências pessoais e a vida nessa cidade. No início, tive que andar diversas vezes por vários setores à procura de emprego. Essas andanças me fizeram entrar em diálogo com a cidade, a qual viria a se tornar uma entidade essencial para a criação do poeta. Em 2015, conheci os primeiros saraus de Goiânia e comecei a divulgar minhas poesias, recitando-as. Com a formação em Artes Visuais vieram novas técnicas e os poemas então se transformaram, de modo que de sua expressão formal na escrita passaram a povoar objetos, pinturas e muros da cidade.

Por algum tempo minhas produções foram organizadas pelos impulsos de uma mistura de experimentação e momentos de inspiração. Pouco me atentei às anotações ou compreensões críticas sobre os processos de minhas produções. Neste trabalho, busco compreender os processos que me levaram ao trânsito da palavra escrita nos métodos tradicionais literários e sua aplicação pictórica e em outras materialidades, durante o período da formação em Artes Visuais.

Este trabalho está dividido em três capítulos, sendo eles, O POETA, A RUA e O POEMA, onde busco desvendar como a relação entre o poeta e a rua são fatores essenciais para a produção lírica e visual que ocorre em minhas produções artísticas. Sem a entidade RUA, a qual é parte ativa deste trabalho entregando e apresentando materiais para essas produções, o poema não seria criado, composto e materializado. Essa fusão entre poeta e rua, assim como o resultado desses encontros, os poemas, são divididos e discutidos, cada um, a partir de cada parte do processo de produção e dos agentes de criação.

Início o primeiro capítulo intitulado O POETA, contando aspectos relevantes da minha trajetória, desde a infância em Altamira. Busco compartilhar reflexões sobre como foi conhecer o mundo, apreender suas histórias, os primeiros estímulos para produção visual e os contatos com a produção de cultura como estímulo para um caminho da produção poética. Busco evidenciar como meus pais, enquanto educadores e

formadores de minha personalidade e criação, foram responsáveis pelo que seria fundamental para o incentivo ao pensamento crítico como poeta e artista visual, mostrando em quais momentos e experiências eles me mostraram suas próprias habilidades e criações.

No segundo capítulo, chamado A RUA, conto minhas experiências desde a chegada em Goiânia, em 2010. Ressalto como este encontro com um novo lugar e a motivação de construir uma nova vida em um novo espaço foram fundamentais para os processos de criação do poeta, e como a Rua foi se transformando numa mediadora com as linguagens, entidades e pessoas que nela vivem e trabalham. Sendo fator determinante para essa escolha de ser artista, pela Rua sou apresentado a uma de suas maiores entidades, Zé Pilintra, que vai se tornar um mentor em meu cuidado pessoal e em minha missão de vida. Nosso encontro se torna peça fundamental para os trabalhos em retratos e para a escolha de temas para minhas produções e pesquisa.

No terceiro e último capítulo, chamado de O POEMA, começo apresentando e discutindo a proposta de pesquisa artística que abraço como trabalho de conclusão de curso. Apresento uma trajetória dos trabalhos que fiz durante a formação no curso Artes Visuais Bacharelado, dando ênfase principalmente aos que apresentavam partes dos poemas aliados à pintura, sendo um deles no trabalho intitulado TODOS OS DIAS ELES NOS MATAM, TODO DIA NÓS NASCEMOS, ponto de partida para a escolha do foco adotado nessa pesquisa e que influenciou os processos de escrita presentes nas produções artísticas finais.

Pensando em uma escrita que apresente também uma oralidade, trago aqui uma história que apresenta características de formação, catalogação e produção artística, pensando em como certas apropriações já estão entranhadas na criação de certa parcela da população que com a criatividade de criar coisas com o que se tem também são capazes de grandes realizações.



## O POETA

*A cultura negra nas Américas é de dupla face, de dupla voz, e expressa nos seus modos constitutivos fundacionais, disjunção entre o que o sistema social pressupunha que os sujeitos deviam dizer e fazer e o que por inúmeras práticas, realmente diziam e faziam.*

(MARTINS, 2021, p. 46)

Para criar um poeta é preciso toda uma ancestralidade<sup>1</sup>, mecanismos e exercícios que povoam e atravessam milênios de histórias equivocadas. Para chegar até a mim, milhões foram escravizados e mortos, foram forçosamente retirados de suas terras e levados para outro lugar do mundo. Tiveram seus símbolos e discursos destruídos e depois questionados, seus quadros torturados e mortos e por fim toda sua herança repartida em vários pedaços perdidos, que nos ocupam a séculos, nesta busca incessante de nos encontrar, nesse mundo. Este sentimento de viver em mundo estranho e sem esperança de volta à sua terra natal, de ter que se refazer com o que sobra depois de uma longa viagem. Muitas vezes só sobram palavras para comer, por isso que metade de tudo que você vai ler por aqui, foi passado e aprendido de forma oral, contado através de experiências e sentido como verdade em respeito à autoridade de quem contou. Era minha responsabilidade cativar-me por escrever tudo que sucederia.

A primeira e mais próxima ancestralidade que conheci foram meus pais, minha mãe Maria e meu pai Sebastião, ambos maranhenses, ela de São Domingos e ele de Buriti Bravo. Meu pai contou que fugiu de casa aos 13 anos, fugindo da morte. Segundo ele, estavam matando as crianças da região. Anos depois conheceu minha mãe, ávida por também sair e conhecer o mundo, e a convidou para seguir ele em sua aventura. Juntos passaram por várias cidades, Bacabal, Imperatriz, Miracema do Norte, Senador José Porfírio, para citar algumas, até chegar em Altamira. Eu haveria de repetir esta mesma ode, estendendo mais ainda o mapa da Família, fazendo eu mesmo minha busca. Todos os seis filhos herdaram a necessidade de ir.

Nasci em 1992 nesse lugar que chamamos de Altamira, no território do Estado do Pará, conhecida como a Princesinha do Xingu, uma das importantes cidades da rota da

---

<sup>1</sup> Ancestralidade é pensando nessa pesquisa como heranças, costumes e cultura, herdados através de gerações, transmitida em sua maioria através da oralidade. Levando em consideração o conceito de tempo-espaço discutida por Henrique Cunha Júnior em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48759/35074>

Transamazônica. Filho de Maria Simão, feminista por vocação e habilidosa com os trabalhos manuais, os quais vão desde a costura até fabricação de fogareiros de barro, foi ela que me preparou para o mundo, que me repassou as habilidades de socialização e alianças. Sua principal missão sempre foi manter a família e para isso se reinventou para poder alimentar e educar todos os filhos. Com a costura, economizava e resolvia os consertos das roupas, costurando novas e remendando as velhas, sem contar os tapetes, itens de vendas e os reparos oferecidos à comunidade. Com a alimentação, foi salva com acesso à terra e o conhecimento na produção dos alimentos, até hoje, por exemplo, o café é comprado em grãos, sendo torrado e moído em casa por ela mesma. Além disso, o conhecimento das plantas é um dos principais saberes que ela carrega, por anos trabalhou como voluntária em um postinho de saúde fitoterápica, acumulando uma vasta sabedoria sobre as plantas e suas propriedades medicinais. Outra coisa importante é o conhecimento sobre a multimistura, reforço alimentar divulgado pela Pastoral da Criança<sup>2</sup>, como ajuda para a erradicação da fome nas comunidades pobres. Minha mãe encontrou na Igreja Católica, uma base forte para sua formação e a dos filhos. Naquele período eram fortes as discussões e presença da esquerda política nas comunidades católicas através da Teologia da Libertação<sup>3</sup>, iniciada na década de 1970, onde se tomava uma decisão preferencial em favor dos pobres e povos oprimidos, principalmente no contexto da América Latina, tendo como um dos principais teóricos Leonardo Boff<sup>4</sup>.

Foram esses princípios que levaram nossa família a se aproximar da fé católica, à vontade de mudar a realidade, muitas vezes injusta conosco. Graças à Igreja, minha família conseguiu colocar todos seus filhos na escola e ter um lar para morar. A Igreja era uma extensão de nossa casa. Essa formação levou minha mãe à sua politização,

---

<sup>2</sup> A Pastoral da Criança é um Organismo de Ação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A Pastoral da Criança baseia suas ações na organização comunitária e no treinamento de líderes comunitários que assumem a tarefa de orientar e acompanhar as famílias vizinhas. Suas principais ações são o acompanhamento de crianças de zero a seis anos e acompanhamento de gestantes por meio de líderes voluntários que vivem nas próprias comunidades que atuam, tornando todos agentes de sua própria transformação. Fonte: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/quemsomos>.

<sup>3</sup> “Ela rompe com conceitos tradicionais da Igreja institucional introduzindo na história da Igreja ideias de igualdade social e direitos humanos, reivindicando para si como herança os lemas: liberdade, igualdade e fraternidade advindos da Revolução Francesa.” (NORONHA, 2012, p. 185).

<sup>4</sup> “Leonardo Boff nasceu em Concórdia, Santa Catarina, aos 14 de dezembro de 1938.(...) Esteve presente nos inícios da reflexão que procura articular o discurso indignado frente à miséria e à marginalização com o discurso promissor da fé cristã gênese da conhecida Teologia da Libertação.” Fonte: <https://leonardoboff.org/biografia/>.

autonomia e a se tornar uma referência comunitária, em sua simplicidade e autenticidade. Conheceu também as teorias feministas e participou das lutas do MMCC-PA<sup>5</sup> (Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade do Pará), sendo ativa nos eventos como a Marcha das Margaridas<sup>6</sup>. Essas ações me ajudariam mais tarde também nas leituras, pois minha mãe recebia revistas e conteúdos de divulgação da Revista Maria, Maria<sup>7</sup> criada pelo UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher), sendo um dos poucos conteúdos para leitura que eu teria no início da formação.

Como mãe, a criatividade sempre foi uma arma para alimentação e lazer para os filhos, seja na participação na colheita para ganhar um saco de alimento que durasse um bom tempo, seja nas roupas que costurava e fazia para todos os filhos. Leda Maria Martins (2021), em seu livro *Performances do tempo espiralar*, vai nos contar sobre uma adaptação e reinterpretação do espaço através dessas pessoas que são obrigadas a se deslocar de suas terras natais.

São muitos esses processos de readequação, entre eles a substituição de matérias-primas típicas da África por materiais similares regionais, pela fabricação de instrumentos com restos reciclados, pela produção de pigmentos com as plantas naturais, para tingir panos e adereços, também esses produzidos com os materiais e plantas nativos. (MARTINS, 2021, p. 46)

---

<sup>5</sup> “No período de 1982 a 1987 emerge o Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade (MMCC), a União de Mulheres e o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (CMDM), que tinha como objetivo torna-se um canal institucional com o poder público, isto é, articular os movimentos autônomos de mulheres com o Estado.(...) A década de 1990 inicia com a discussão sobre a implantação das delegacias especializadas de mulheres, sendo a primeira implantada em Belém. Expandem-se também as organizações na área rural. Assim, na região da Transamazônica, foi criado o Movimento de Mulheres Trabalhadoras de Altamira (MMTA).”(NASCIMENTO, 2007, p. 4).

<sup>6</sup> “Marcha das Margaridas e uma ampla ação estratégica das mulheres do campo e da floresta, promovida pela Contag, Federações e Sindicatos que se consolidou na agenda do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - MSTTR e de diferentes organizações parceiras movimentos e organizações feministas e de mulheres trabalhadoras e centrais Sindicais e organizações internacionais que articulam e mobilizam mulheres em torno de diferentes questões que nos permeiam.(...) Realizada sempre em agosto para re-vivificar o mês em que Margarida Maria Alves(Alagoa Grande, PB, 5 de agosto de 1933 — Alagoa Grande, PB, 12 de agosto de 1983) foi assassinada.” Fonte: <https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=oquee>

<sup>7</sup> “Entrevista realizada pela Revista do UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para Mulheres: Maria Maria, ano 3, nº3. Entrevista "Está chegando a hora", com Sônia Maria Pereira Nascimento, coordenadora executiva do Geledés.” Fonte: [https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/arquivo/asc\\_001246](https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/arquivo/asc_001246)

Minha mãe, com certeza, é a formadora do gênio e da personalidade que sou, de minhas tendências políticas e artísticas. Sou caçula de seis irmãos, por isso fui acompanhar minha mãe no seu dia-a-dia. Analfabeto, eu só aprendi a ver e, desde pequeno, foram as fachadas das lojas e as palavras das ruas que me ensinaram a ler. Diz minha mãe que, ao ver uma palavra que me chamava a atenção, eu perguntava qual era e assim ela me ajudava a organizar as sílabas e as palavras. Por causa disso, aprendi a ler antes de entrar na alfabetização. Símbolos e cores me ajudavam melhor a decorar e relembrar as palavras e a leitura da rua iria se tornar um exercício fundamental naqueles primeiros anos. Acredito que isso tenha influenciado até a ela mesma, pois voltou a estudar novamente até ao primeiro ano do ensino médio, segundo ela, sendo vencida pelo cansaço e não seguindo adiante.

Eu tinha apenas oito anos quando comecei a perceber o tipo de coisas que frequentava e as conversas que eu participava. Enquanto minha mãe cozinhava nos encontros de formação, me introduziu nas plenárias para ouvir quem eram aquelas pessoas para quem ela cozinhava. Percebi que ali, já era encaminhado para um olhar mais político e atento para as relações do mundo e para o reconhecimento de classe, informações essenciais para saber que tipo de cidadão eu seria e o meu posicionamento no mundo. Tudo se tornaria uma cicatriz, marca, lembrança, células e poros de meu corpo, sabendo como Martins conta, que “os povos negros se constituem nas encruzilhadas desses múltiplos e polissêmicos saberes” (MARTINS, 2021, p. 50).

Pela Igreja, realizei todos os sacramentos possíveis, fui atuante e participei de todas as pastorais, dentro delas a mais importante, a Pastoral da Juventude<sup>8</sup> (Imagem 1), onde em um momento relevante para Altamira se tornou peça importante na luta com A Barragem de Belo Monte. Foi através dos encontros de jovens que minha politização começou de verdade. Se minha mãe já me entregava seu exemplo participando de movimentos sociais desde pequeno e me levando para acompanhá-la. A partir dali, eu me responsabilizava pelas ações que iria aprender. Naquela época, Altamira passava por uma especulação sobre a construção da Usina de Belo Monte, anunciada como um dos

---

<sup>8</sup> “A história da Pastoral da Juventude começa pelos anos 70 ou, até, com a Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JOC, JUC), nos anos 60. Não podemos negar que aprendemos muito da Ação Católica, da Teologia da Libertação, da Pedagogia do Oprimido.” Fonte: <https://pj.org.br/quem-somos/historia-da-pastoral-da-juventude/>

maiores complexos hidrelétricos do mundo. A Igreja tinha como representante, D. Erwin Krautler, Bispo da Prelazia do Xingu, atual Diocese do Xingu, e também presidente do CIMI<sup>9</sup> (Conselho Indigenista Missionário), principal órgão católico a favor das lutas dos Povos Indígenas.



Imagem 1. Acampamento da Pastoral da Juventude da Diocese do Xingu. Altamira, Pará. Fonte: Arquivo Pessoal.

Como jovens quadros da luta, esperava-se de nós a verdadeira chama revolucionária e para mim um adolescente que havia levado isso muito a sério, comecei a buscar as leituras necessárias para formação revolucionária. Manifesto Comunista, biografia de

---

<sup>9</sup> “O Cimi é um organismo vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas. Criado em 1972, no auge da Ditadura Militar, quando o Estado brasileiro adotava como centrais os grandes projetos de infraestrutura e assumia abertamente a integração dos povos indígenas à sociedade majoritária como perspectiva única, o Cimi procurou favorecer a articulação entre aldeias e povos, promovendo as grandes assembleias indígenas, onde se desenharam os primeiros contornos da luta pela garantia do direito à diversidade cultural.” Fonte: <https://cimi.org.br/o-cimi/>

Che Guevara, leituras de periódicos da mídia de esquerda e independente, além dos materiais de formação de entidades como o Movimento de Mulheres, o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), MST (Movimento dos Sem-Terra), La Vía Campesina, etc. Acreditava que era esse meu destino, a ação revolucionária, era este o caminho que minha mãe me havia mostrado sem saber.

Ser crítico e olhar para a vida com interesse para não perder os discursos que levam as nossas ações: este seria um lado da minha formação, a mente crítica estava criada, os olhos já sabiam sua função, faltava saber como sobreviver no espaço.

Para a personalidade popular do poeta, acho que minha principal referência foi meu pai, Sebastião Vaz, negro dos tempos do Estado Novo, que fugiu de casa no interior do Maranhão aos 13 anos, participou da construção da maioria dos prédios públicos e casas de Altamira. É capaz de construir uma casa sozinho e fazer contas complexas apenas com a cabeça e o terceiro ano do ensino fundamental no currículo. Sua capacidade de fazer contas complexas de cabeça era assustadora, sabendo só com o olho a quantidade de tijolos que seriam necessários para a construção. Mas talvez sua grande obra-prima seja a nossa casa, a atual casa onde nossa família mora em Altamira-PA (Imagem 2), construída entre 2006 e 2007, com a ajuda dos filhos. Acompanhei-o desde o desenho da planta da casa, feito por ele mesmo, logo depois as fundações e bases, até a colocação dos telhados. Muito rígido, sabia que seu trabalho poderia lhe custar muito se falhasse.



Imagem 2. *Casa da Família Vaz*, 2021. Altamira, Pará. Foto Autoral.

Este homem que foi o pai que pode ser, entregou seu corpo e força de trabalho para que todos os filhos pudessem comer e estudar. Não foi o homem perfeito, pois carregava as desgraças dos homens do seu tempo. Não imagino e nunca conversei com meu pai sobre racismo e como ele sobreviveu a tudo isso, mas sei como ele me protegeu desses discursos e me ensinou a ver um outro mundo.

Um dos meios que encontrou para suportar a vida, foi o alcoolismo, usado como suporte emocional para esquecer ou para não se envolver. Tudo seria reescrito na semana seguinte com muito trabalho. Meu pai se tornou conhecido por isso, tinha seus bares e festas preferidas, seus companheiros de gole e a fama de pé de valsa disputado. Estive algumas vezes com este lado de meu pai, talvez a experiência certa que precisaria para um outro lado da vida que era prático, longe dos livros e das palavras. A linguagem do corpo, a ginga cotidiana de sobrevivência das ruas, ou pelo menos, uma introdução a ela. Foi em um desses momentos, que meu pai me ensinou a dançar, este “evento criado no e pelo corpo”(MARTINS, 2021, p. 88). Foi no clube ARESSA<sup>10</sup> (Associação Recreativa dos Servidores de Saúde de Altamira), onde fui influenciado a dançar com algumas mulheres e aprendi meus primeiros passos de brega. Gostava daquela linguagem e saí daquele dia sabendo dançar, estava em mim, eu era filho do Sebastião, não tinha como negar, enquanto Martins me confirma que “dançar é como inscrever no tempo” essa era sua maior herança para mim, com ele aprendi a linguagem dos pés e da ginga, para dançar e sobreviver as coreografias da vida. No Pará, a dança é um dos pilares da cultura e linguagem paraense e todos os anos na escola que eu frequentei, o Instituto Maria de Mattias<sup>11</sup>, era tradicional o Festival do Tacacá, homenageando uma comida típica paraense, e todas as turmas apresentavam danças típicas e de outras culturas em duas noites de apresentações. Desta experiência, já acompanhada dos primeiros passos ensinados pelo meu pai, me comunicava com muitos através de meros passos produzidos com pés, que às vezes de tão complexos criaram coreografias que geram belíssimos poemas escritos com o corpo.

Assim se manifesta a síncopa, mãe da ginga e de todas as giras, o corpo que desafia o vazio, os assimétricos voltejos da rítmica no corpo que parece tombar, atraído pelo chão, salta no espaço e breca na queda, em voleios sobre si mesmo e sobre a espacialidade escandida e expandida. (MARTINS, 2021, p. 83)

<sup>10</sup> <http://cnpj.info/Associacao-Recreat-dos-Servidores-de-Saude-de-Altamira-Aressa>

<sup>11</sup> <https://escolas.com.br/escola-municipal-de-ensino-fundamental-instituto-maria-de-mattias-15559998>

O corpo foi o primeiro agente de comunicação sobre minhas características, minha cor, que falavam por si e se juntavam em um só argumento, eu. Por vários momentos, foi a dança que ajudou a criar laços e novos amigos. Era a forma como me integrava nas turmas das escolas por onde passei, meio tímido, na dança eu me permitia me entregar para aprender as coreografias que eram passadas.

Em casa a música foi usada não só para o entretenimento, como também para ensinar a escutar. Era importante que a letra viesse com uma mensagem, seja reflexiva ou apaixonada, a oralidade era a forma mais sensata para não esquecer. Meu pai tinha uma expressão “balança” para as músicas “Essa aí não tá cantando, não. Tá contando história.”, uma fala pouco equivocada, mas lembrava você de prestar atenção na letra. Meus pais apresentavam as músicas bregas e populares dos anos 1960, com seu amor exacerbado e ambiente boêmio. Meus irmãos me apresentavam a MPB e o Rock do anos 1980, com suas letras politizadas, e a Rua me atualizava com o que as mídias elegem como as melhores do momento. Música e dança eram base para todas as relações que poderiam ser criadas. Reunia família, vizinhos e comunidades em toda a cidade. Naquela época Altamira era música paraense, como Carimbó e Brega, com as músicas da MPB e do Rock Nacional que chegavam através das rádios.

As leituras que fazia naquela época não eram para minha idade, eram livros didáticos de séries escolares à frente, sendo o primeiro que li um livro didático da 8ª série, de um dos meus irmãos (Imagem 3). Nele aprendi as primeiras histórias do mundo que vivia, lia com atenção, mas ainda sem os impactos que aqueles episódios deixaram nas sociedades. Gostava das guerras e dos conflitos, mundialmente eu era fisgado pela Segunda Grande Guerra, e no Brasil, o que me deixava pensativo era o período da Ditadura Militar. Meu irmão havia pintado um busto do Che Guevara na parede da sala, e ouvi as menções sobre sua história e feitos. Para mim, era o homem importante que merecia ser ouvido, um revolucionário.

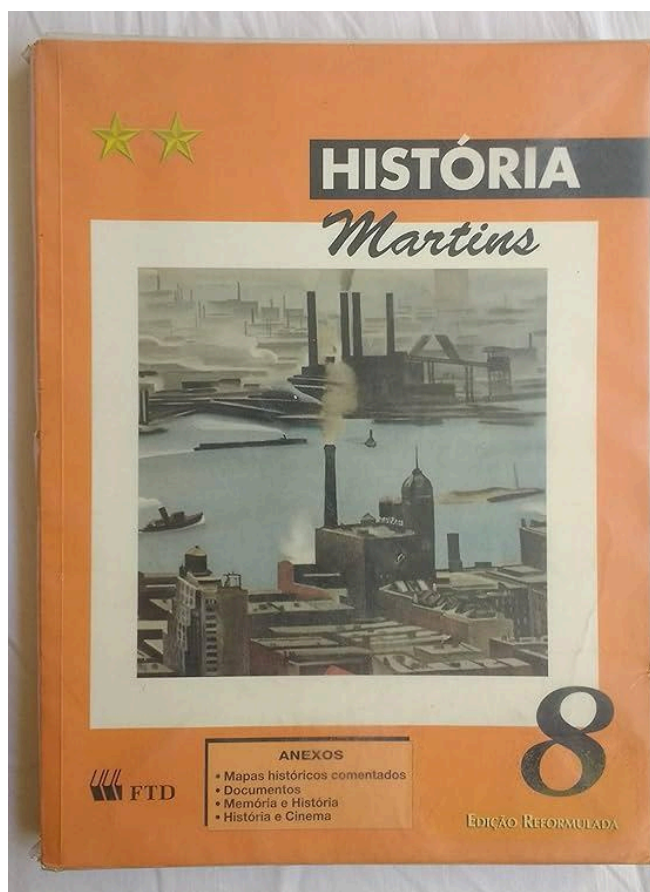


Imagem 3. Livro Didático - História 8 série, 1997. Editora FTD . Fonte: <https://images.app.goo.gl/En1rkKKpiH1V1sP89>

Em casa também tinha disponível a Revista Maria, Maria, do UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher), enviadas para o Movimento de Mulheres de Altamira, do qual minha mãe fazia parte. Havia também livros que ia achando ou pedindo emprestado caso me chamassem a atenção. Era nítida uma necessidade de criticidade do pensamento e da leitura do mundo e da sociedade em que vivia.

Os primeiros poetas que conheci foram através da música. O meu preferido era Belchior, que ouvia através das fitas de meu irmão. Sentia nas letras de Belchior uma solidão reflexiva do modo de vida que dizia que “viver é melhor que sonhar”, que para mim, criança, era compreensível já que me questionava da mesma forma quando pensava em mim naquele espaço familiar. Ouvia música o dia inteiro, passava horas acompanhando as rádios para aprender novas letras e me acalmar. Música sempre foi um ótimo exercício para me centrar de volta em mim e percebi isso desde cedo. Mas mesmo

indiretamente as músicas ficaram guardadas em meu inconsciente, foi me dando gosto pelas palavras e a força que elas transmitiam, senti a necessidade de escolhê-las muito bem quando precisasse.

Quando pude ter acesso a uma biblioteca, finalmente encontrei os quadrinhos, normalmente não tinha como gastar com eles, então vê-los juntos me propiciou dedicar um tempinho às cores e histórias que havia perdido na infância. Destas leituras, guardei a Mafalda, uma menina argentina muito questionadora e de um sentimento revolucionário que parecia com o meu naquela época. Não conseguia fugir dos assuntos políticos, minha vida exigia olhar para as coisas dessa forma, não tinha como ignorar a diferença das condições que vivia com a de alguns outros colegas, sem contar todas as experiências que não pude experimentar por falta de dinheiro e outras condições. Não tinha como escolher, então criei uma mente crítica para o momento em que tivesse a palavra.

Depois conheci Carlos Drummond e Vinicius de Moraes e suas antologias, que me deram o maior clique da minha vida. Quando estava lendo a Antologia Poética de Vinicius de Moraes, pude senti-lo vivo dentro de mim, sua presença ao meu lado conduzindo a leitura como queria uma familiaridade. Me peguei pensando em destino e como seria o meu dali para frente, o pensamento no futuro me levava à morte e ficava com medo. Então, como me manter vivo mesmo com a certeza da morte? Foi o que Vinicius me ensinou naquele momento, precisava me fazer eterno, a lembrança presente nas pessoas me reviveria sempre que fosse anunciado. Precisava marcá-las de algum jeito, deixar algo para as pessoas do futuro, uma prova da minha existência e passagem, como o professor Luiz Antônio Simas (2020, p. 10) atenta em seu *Corpo Encantado das Ruas*, que essa é “a importância de atentar para os fazeres cotidianos como caminho para escutar e compreender as outras vozes, além da perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo”.

Havia uma força maior que conduzia meus estudos e aprendizados acerca das ciências e do mundo, sentia um caminho sendo traçado, seja pelos meus gostos ou pelos caminhos escolhidos. Cheguei naqueles últimos anos em Altamira acreditando que o meu caminho era o revolucionário. Acreditava que a falta de formação e educação era o que contribuía para a pobreza do povo. E a busca pela formação era uma escolha

baseada na libertação do povo pela sua autonomia. A salvação da família eram os filhos formados, sustentados pelo poder intelectual e não mais braçal que manteve meus pais. Fui para Goiânia com a intenção de cursar História, conhecer mais ainda a história do país em que nasci e do povo que me criou. O conhecimento era a chave para a minha liberdade e um sonho de toda uma família. Estudar História era um caminho para continuar minhas buscas políticas, me saber e saber também como as coisas aconteceram e seus meandros. A escolha por Goiânia se manteve por conta de um irmão que já morava na capital, a facilidade de já conhecer alguém que conhecia a cidade me ajudaria na adaptação e continuidade. A continuidade dos estudos estava limitada em Altamira, e Goiânia já era um destino dos jovens altamirenses. Então, como muitos, juntei meus sonhos e era chegada a hora de deixar a casa de meus pais, o momento de sair do ninho e fazer meus próprios ares, explorar novos lugares e viver outros momentos. Viver a poesia e deixá-la me fazer vivo.



## A RUA

*As ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião. Como tal, nascem, crescem e mudam de caráter. E, eventualmente, morrem.*

(JOÃO DO RIO, *A alma encantadora das ruas.*)

As ruas de Altamira, por um bom tempo, foram uma grande experiência do que eu me tornaria em Goiânia. Foram um laboratório para a principal atividade das minhas produções: conhecer a cidade.

Mamãe conhecia todas as pessoas católicas de Altamira por causa de seus contatos na Igreja e era conhecida pela boa comida e serviços gerais. Já papai sabia de todos os cachaceiros e feirantes e era conhecido por ser um bom pedreiro. Pegando o gancho, fui apresentado a todos os filhos, sobrinhos e netos dos conhecidos dos dois e os contatos me ajudaram a me deslocar por todos os bairros e ruas de Altamira. Foi pela rua que aprendi a ler, tive meus primeiros amigos e conheci o mundo. Em casa, minha mãe tinha o apelido de “ruera”, por estar sempre fora de casa resolvendo algo ou por estar em algum evento da Igreja. Ela me levou para muitos lugares e me ensinou a usar a primeira ferramenta, os pés. Me ensinou a caminhar. E comecei com minhas primeiras pernadas a conhecer a cidade em que vivia. Eu herdaria o jeito “ruero” dela, e faria disso um meio de sobrevivência.

A primeira vez que confiei no caminho, estava na primeira série e estudava em uma escola próximo à minha casa. Naquele dia tirei uma coragem e confiança de algum lugar e disse ao Seu Zé, que era o porteiro da escola, que iria embora sozinho. Ele desconfiou, mas permitiu. Em alguns minutos chegava em casa, para surpresa da minha mãe. Estava autorizado, a partir dali, a ir e voltar sozinho da escola. Não era tão fácil assim, mas tinha a confiança de minha mãe, então comecei a aumentar o raio do espaço que eu conhecia e ia fazendo minhas buscas. Jogamos com a galera do Porronca, desci pro outro lado da cidade pra pegar uma Prainha, jogamos também no terrão da Brigadeiro Eduardo Gomes. A brincadeira era nosso espaço de comunhão, sua terra no final do dia pintava nossos corpos de outra cor e deixavam nossas mães malucas com os tons terrosos. Não havia limite pras brincadeiras, até o dia que o asfalto chegou.

Começaram cedo, as máquinas a trabalharem em frente de casa, limpeza, pavimentação, asfaltamento e pronto, a rua é outra. Dois meninos sofrem: não conhecem o material e então, a bicicleta grudada no piche derruba os dois direto no líquido preto. Um sinal. A rua foi transformada e agora nós, os filhos da terra, não a conhecemos. Haveríamos de nos acostumar, reaprender a usá-la, a viver, era o sinal que nossa cidade haveria de passar por mudanças por causa do progresso que, sempre que chegava, levava a vida ou a dignidade de algum de nós.

Consegui uma moral para sair e comecei a frequentar a noite, a me acostumar com aquele que seria meu espaço de trabalho, a boemia. Em Altamira a boemia é regada a bares antigos de prateleiras com bebidas ao fundo dividindo espaços com jukebox e freezers, enquanto que os conhecidos como “papudinhos<sup>12</sup>” mantinham a fama de perdidos. Não havia noite sem briga, sem morte, tudo se resolvia nas ruas escuras e silenciosas dos bairros. Nas minhas andanças atravessei alguns deles para chegar ao outro lado da cidade, o “baixão”, um conjunto de ruas e acessos que alagam durante as cheias do Rio Xingu, quando todo mundo era obrigado a viver em ginásio feitos de abrigo. Os guias já me protegiam desde esse tempo, quando era adolescente e descia a Acesso 5 de bike, rápido. A rua se apresentava sozinha, silenciosa para mim, como se o movimento e todo o mal esperassem para eu passar. Essa era a melhor sensação de todas. Chegar na rua de casa, me sentir seguro e pensar que todos que aparecerem saberão quem sou. Naquela rua eu poderia me acalmar e caminhar mais devagar e apreciar as casas, sem pressa, sensação essa que permanece até hoje quando volto para lá.

As ruas de Altamira me ensinaram bastante a olhar a cidade e a observá-la. Me ensinaram a ler e também a ler a cidade. Saí de Altamira com uma boa panorâmica da cidade, pois tinha medo de esquecê-la, queria guardar cada pedaço pois sabia que tudo ia mudar a partir do momento em que fôssemos nos separar.

Minha vida mudou totalmente quando os planos tiveram que ser direcionados para a formação acadêmica, e foi preciso que me transferisse para outro Estado. Meus irmãos mais velhos abriram caminho e então acabei seguindo-os até Goiânia-Goiás. Desci do ônibus no posto em frente à rodoviária no dia 20 de Fevereiro de 2010. Assim como outros jovens altamirenses eu vim para cursar faculdade em Goiânia através dos

---

<sup>12</sup> Como é conhecido os bêbados e alcoólatras assíduos dos bares no Norte do país. N.A.

programas sociais e ainda nem tinha noção do privilégio que me trouxe até aqui. Não conhecia nada do que via ou sobre o que me esperaria na capital de Goiás. Goiânia, agora, seria um novo lar.

Ao começar a viagem de táxi até a casa do meu irmão, comecei ali um exercício que seria fundamental para a produção poética que produziria dali para frente. Desde pequeno me senti atraído pelas placas, publicidades, qualquer intervenção que me ajudasse a lembrar do caminho para algum lugar, e foi assim que comecei minha relação com as imagens. Foi esse exercício que auxiliou minha mãe em minha alfabetização andando pelas ruas do Centro de Altamira e futuramente isso seria fundamental na forma como me relacionaria com as artes visuais.

Começo então, a registrar todos esses lugares, situações e experiências que passariam a ser coletadas e contadas em um uma agenda escolar que usava como diário. Conhecer os lugares, decorar os designs e cores, saber entrar e sair dos atalhos e ainda me aventurar pela floresta de vez em quando, e o principal: fazer as amizades que me ensinariam, dariam apoio e ajudariam. Cheguei em Goiânia sem saber que tudo isso havia sido um treinamento.

"As ruas sabem chamar quem mora longe" (SIMAS, 2020, p. 129) e o primeiro lugar em que fiz moradia foi o Setor Novo Mundo. Nome justo para esta nova etapa da minha vida. Nos primeiros dias comecei a expandir meus territórios avançando nas redondezas da rua em que residia, Avenida San Martin, atrás do Colégio Mônica de Castro. Subi dois quarteirões acima e cheguei à Praça Washington, depois, desci mais dois quarteirões abaixo e cheguei à plataforma do Eixo Anhanguera. Resolvi que faria estes exercícios sempre tentando aumentar cada vez mais o raio de alcance do território e deixando esta nova vida mais íntima e suportável. Vendo minhas aventuras, meu irmão, com quem morava na época, me entregou uma lista telefônica que trazia um mapa de Goiânia fragmentado em páginas, para eu começar a melhorar ainda mais meu exercício. Comecei a pegar a bicicleta da minha sobrinha emprestada na tentativa de aumentar ainda mais meu campo territorial. Nos primeiros anos, já frequentava com regularidade os Setores Novo Mundo, Vila Pedroso, Santo Hilário e Recanto das Minas Gerais. Também pegava o Eixo direto ao centro da cidade todos dias e com os jornais nas mãos caminhava pelas ruas em busca dos empregos.

Escrevia num diário como eram esses primeiros dias em Goiânia. Registrava para não esquecer quando fosse preciso contar as histórias para os amigos de Altamira. Um dia, estava com muitas saudades de Altamira e então, saiu o primeiro poema.

#### Saudades

Que saudades tenho daquela casinha  
 onde tinha carinho e atenção.  
 Que saudades da minha mãe  
 que me dava tudo e não recebia  
 nada em troca.  
 Saudades....  
 Daquela cidade onde as festas  
 eram mais alegres e as meninas  
 eram mais sabidas.  
 Que saudades...  
 Já não sei se fico vivendo aqui  
 longe de tudo isso, ou se vou  
 pra lá viver este sonho de novo.  
 Já não sei...  
 Tudo que vejo me lembra de lá  
 Tudo me empurra pra lá.  
 Mas há algo que me segura  
 na realidade...(uma mulher)  
 que me deixa esta incógnita,  
 incógnita esta que abraça meu coração.  
 Mas no fim o que resta é saudade  
 de tudo que já passou.  
 [VAZ, Rafael]

Isso mudou completamente a minha vida, havia feito aquilo que não imaginava. Havia juntado ideias e estilo e criado meu primeiro poema. Já me sentia eternizado, só precisava que alguém lesse e guardasse sua mensagem. Escrevia o que sentia para deixar registrada minha passagem, pois se alguém lembrasse de mim, estaria vivo. Achei que ficaria só no diário, buscava registrar as situações que passava, buscava os olhos dos outros e as situações inéditas que poderia contar para os amigos que deixei no Pará, sem saber quando voltaria. As coisas mudaram quando fui visitar amigos que vieram de Altamira comigo e finalmente encontraram um lugar para alugar em Goiânia. Fui visitá-los, peguei o Eixo Anhanguera na Plataforma da Estação do Palmito e descii na Plataforma da Praça Botafogo. Segui em direção à Alameda Botafogo, onde no caminho pude ver um graffiti de Diogo Rustoff e El Mendez (Imagem 4), presente até hoje no local, que consiste em uma representação da Sagrada Família, porém formada por

Maria, Jesus e, no centro, o que parece ser o próprio Rustoff, subvertendo símbolos e discursos apenas com cores.



Imagem 4. *Graffiti de Diogo Rustoff e El Mendez, 2008. Localizado na Alameda Botafogo, Centro, Goiânia. Fonte: Arquivo Pessoal*

Eu acabara de chegar em Goiânia, recém saído de uma vida católica, e era a primeira profanação de símbolos tão encantadora que tinha visto. Aquela imagem me capturou de tal forma que me senti ali, no centro, no lugar daquela personagem com bandana no rosto.

A partir dali, fui pego. Meus olhos eram das paredes, dos muros, fachadas de prédios e lojas, eram da rua. Não havia design, arte, cor, formato, pedaço que escapasse. Meus diários começavam a ser preenchidos por poemas, diariamente, contando histórias e cenas dos momentos em que passava procurando emprego. Observava todos os detalhes, gostava dos insignificantes, tinham coisas pequenas que as pessoas não viam. Escrevia poemas e queria toda hora. Encontrei nas letras as explicações e significados para quase tudo o que me provocava, e assim veio a vontade de manter-me em curso com a formação e o conhecimento. Entre chateações por estar distante de Altamira e as

novas relações encontradas em Goiânia, surgiram os primeiros poemas que, no início, falavam de suas saudades da terra natal, assim como de todo o deslocamento de ser estrangeiro na nova cidade. Que não só era algo estranho por ser capital, como tinha uma cultura totalmente distante daquilo que trazia comigo na bagagem.

Vim para Goiânia por causa de uma vaga no curso de Turismo na FACLions, mas que não aconteceu devido ao curso não ter formado turma. Era um sinal doloroso, mas já havia saído do meu Estado e a missão era melhorar de vida, estudar. Até formar finalmente meus 18 anos, não consegui encontrar empregos para mim, e ainda era difícil conhecer muito bem como as coisas funcionavam por aqui.

Depois de mais seis meses me adaptando, fazendo alguns amigos, finalmente consegui passar em uma turma novamente e ingressei na Faculdade de História da PUC Goiás (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), faculdade que era minha real escolha e motivo de mudança de cidade. Estava realizando um sonho, mas para mantê-lo precisava trabalhar, me sustentar. Começa então meu encontro com a realidade, a passagem principal para a fase independente da minha vida, onde era responsável sozinho pelas minhas decisões e, mesmo morando com meu irmão, sabia que precisava ainda mais me concentrar na formação do meu próprio lar nesta cidade que me recebia.

Em meu primeiro emprego trabalhando em um estacionamento, tive dificuldades porque não tinha condições financeiras para levar o meu próprio almoço. Por isso economizava voltando a pé para a faculdade, pois estudava à noite, assim buscava conseguir comprar um lanche no intervalo. Essa situação se repetiria muitas vezes, até hoje, uma mistura de obrigação divina com má gestão da vida financeira. Em todos os empregos, eu haveria de passar um longo tempo indo a pé e, por isso, aprendi muito sobre as ruas e chegava a decorar fileiras inteiras de prédios de uma rua, de tanto que passava por lá. Como a rua 90 no Setor Sul, por exemplo, na qual passei por várias vezes para ir ao primeiro emprego e, depois, quando trabalhei no prédio da Atento Brasil, ambos na Avenida 136.

Um tempo depois as coisas se tornaram mais confusas e não aceitava mais aquela jornada dupla, pois o trabalho não me deixava estudar as coisas que ia aprendendo na faculdade. Depois de reprovar dois semestres, larguei o curso e fiquei trabalhando e organizando esta vida nova. Enquanto isso, escrevia de vez em quando alguma ideia, postava algo na rede social, praticava o poema. As coisas mudaram quando comecei a trabalhar de caixa na madrugada, e o tédio começou a me estimular a escrever ali

mesmo, no caixa, os primeiros poemas de observação da vida e do ambiente em que estava. Contava os trejeitos das pessoas, quem entrava e quem saía. Começava a experimentar a vida.

As coisas ficaram difíceis e aconteceu, pela primeira vez, de querer desistir de tudo e ir embora. Não tinha mais condições de me sustentar e acabei indo morar de favor pela primeira vez. Um amigo me ajudou. Como um retirante, sobrevivi na capital através de empregos formais, de cargas e serviços gerais. Muito novo, não compreendia que se meu corpo fosse levado para o trabalho formal, não era algo do meu interesse, mas sim do mercado de trabalho. Retirantes como eu, vindos do Norte, tinham seus empregos já programados nas construções, nas áreas da limpeza e no estoque. Fugia do trabalho com o medo de que essa vida não me permitisse fazer aquilo que eu acreditava ser a minha missão de vida. Precisava registrar o mundo. Foi já nessa época que conheci o trabalho de Bispo do Rosário, um esquizofrênico que se tornou artista e passou toda a sua vida em um hospício. Eu acreditava piamente que este seria o meu futuro, e como ele eu me “encarregaria das próprias escrituras”(HIDALGO, 2016, p. 17).

Para saber o que queria e escreveria, passei por muitas experiências e como um novo mundo, desbravei e conheci as ruas, becos e lugares da cidade, criei um relacionamento com as paredes e os pixos falavam comigo. Enlouqueci e larguei os empregos que arranjei, queria dedicar o meu tempo ainda mais à produção poética, mas as situações não me faziam acreditar. Transformei-me então no poeta, e passei a registrar nas paredes e folhas os meus poemas e a minha presença no campo vivo que é a cidade.

Conheci, então, Lucas. Um cara vindo de Caldas Novas para fazer cursinho em Goiânia. Lucas pediu emprego no quiosque em que eu trabalhava e começamos uma amizade desde esse momento. Sua primeira ação foi me apresentar o Chorinho, evento que acontecia toda sexta-feira no cruzamento da Rua 3 com a Avenida Goiás, em frente ao Grande Hotel. Eu morava a duas quadras dali e não conhecia o evento. Lucas me zoou por isso, mas ali encontraria a fagulha que seria acesa no momento em que o poema precisasse ser mostrado. No Chorinho, conheci a noite underground do Centro e senti o primeiro estágio dos renegados das ruas. Naquela época éramos os jovens roqueiros, bebedores de Cantina. Fui ao submundo e conheci os ilícitos e proibidos, drogas, moribundos, cracudos, prostitutas. Na noite formei minha família de (des)conhecidos, minhas conexões de sobrevivência na noite pacata da selva de pedra goiana. A arte

passa a ser motivação, motor e alimento. Passei a me dedicar simplesmente à minha produção e muitas vezes é só o que me sobrou. Permaneci pelas casas de amigos que me recepcionaram por um tempo, para me limpar e acomodar. Tornei-me peça viva da cidade.

Já em 2015 me desafiei a ir com outro amigo em um daqueles saraus que faziam nos parques de Goiânia e lá foi a primeira vez que fiz algo em público (Imagem 5). Eu gostei da sensação. E mesmo com a timidez, ali eu tinha coragem e não tinha medo de ler poesias tão pessoais. Poucos eram nós, os poetas, que logo comecei a me dedicar muito a essa nova vida. Já frequentava a maioria deles, comecei a colar nos grupos. Me escondia através de páginas e capítulos incessantes de poetas malditos e marginais, como Charles Bukowski, Nicolas Behr, Ana Cristina Cesar e Jack Kerouac. Lia poucos livros, buscava inspiração nas ruas, entre cracudos, garotas e garotos à espera de companhias na esquina, na noite silenciosa da capital goiana e encontrava nas ruas outros companheiros de desgraça e poesia, como Diego ElKhouri, Rheuter, Walacy Neto, Carlos Brandão.



Imagem 5. 9° Sábado no Parque, Parque Vaca Brava, 2014. Foto: Samara Nubia

E foi com esse contato com a poesia mais intenso e cativante, que aproveitava as andanças a pé, entregando currículo e aprendendo nas ruas da cidade. Nessa hora meus olhos faziam a festa e começavam a fotografar cada parede, muro, fachada de loja, prédio etc. Não havia design, arte, cor ou formato que escapasse. Para o artista, “coletar o menor rastro, insuflar gestos absolutamente banais com a força da transgressão poética é adensar as forças de criação que nele se afirmam” (BAUER, 2014, p. 45). Era um modo de criar e iluminar novas histórias, muitas vezes descartadas por serem das ruas, ou com personagens de situação pobre, na necessidade de dar “a cada pequena experiência um estatuto diferenciado, subversivo, sensível” (BAUER, 2014, p. 46).

A partir daí, me tornaria um registrador, mesmo não sendo tão bom por me perder em devaneios. Não conseguia me manter nos empregos formais, pois achava que tomavam muito meu tempo e me desviavam das obrigações poéticas que tinha, mas ainda assim, encontrava uma brecha para escrever uma ou duas estrofes no meio do expediente. Lutei e todas as vezes que saí de um emprego era sobre estar mais próximo da poesia. Lancei de forma independente dois zines de poesias, “Melissa” e “Eu, O Lírico”, o zine me ajudava a publicar de forma barata e distribuir meus poemas, ajudava mais gente a chegar à minha poesia e me animava a forma de produção, havia ali um cuidado estético e uma preocupação visual, na produção da capa e das ilustrações, sobre as quais ainda não refletia, apenas pensava que os poemas deveriam ter imagens que os completariam, as imagens atraíam os leitores que não tinham paciência com a leitura.

Mas ainda havia uma necessidade de chegar em mais gente, sentia que faltava algo mais, além de só recitar e escrever as poesias. As palavras pediam e podiam caber em outros formatos, serem usadas de outra forma. Foi quando conheci o trabalho de Paulo Bruscky e os poetas dos anos 1960 e 1970, marginais e artistas que brincavam e produziam com a palavra de forma livre, rompendo com as convenções tradicionais da literatura e da arte, influenciado bastante pelas experiências do Concretismo, Neoconcretismo e a Poesia Concreta, porém com suas próprias características e com uma abordagem mais experimental e radical, como diz Andreza Leria em *Entre inscrições e escritões: a poética de Wladimir Dias-Pino*:

Tal ato levantava questões que denunciavam a troca de favores dentro da política literária; frisava a ruptura qualitativa no desenvolvimento da poesia brasileira; posicionava-se contra o caráter de eternidade no poema, que impedia o aparecimento do novo; lembrava que os livros rasgados não serviam como modelo, pois estava superado. Enfim, trazia uma série de questões que envolviam a nova maneira de se tratar e produzir arte. (LERIA, 2015, p. 85)

A necessidade criou a demanda, e depois de observar as ruas novamente em busca de uma ajuda para esse problema, foi então que percebi um certo detalhe que ignorava que eram os anúncios de jogo de búzios, que vendiam os serviços das leituras oraculares. Comecei a fazer lambes e a poesia mudou a forma de ver a palavra, pois “o uso poético das linguagens da comunicação em massa, expandir ideias para o público não especializado é ampliar a relação com a obra de arte” (BAUER, 2014, p. 39). Isso me exigiu uma busca mais intensa no mundo da poesia da rua.

Acabei indo morar naquele "espaço que chega a ser maior que o mundo: a rua." (SIMAS, ano, p. 56), onde encontrei minha verdadeira poesia e o que estava disposto a contar. Não me importava a consequência, mas descobri que a rua tem outras características à noite e conheci novas histórias que só passando um tempo dormindo pelas vielas e calçadas eu tive o privilégio de conhecer. E foi lá que conheci o dono da Rua.

Legba, diz o povo do vodum, mora na rua (...) traçador de caminhos, dinamizador dadivoso das relações sociais e diplomático afirmados das capacidades humanas de estar nele mesmo e no outro, como dínamo transformador e incessante inventor da existências. (SIMAS, 2020,, p. 16)

Exu<sup>13</sup> é teórico da história, e o invoco como Mestre e Co Criador deste ser que conta essa história. Foi ele que me observou desde pequeno, motivou desejos e aguçou curiosidades. Falou comigo por sinais e usou a rua como intérprete de nossos diálogos. As ruas de Goiânia me esperavam por isso, as conheci nos anos de 2002, em uma viagem de férias e já queria ter ficado. Alguns anos depois andava por elas à procura de um emprego, um lugar para me encaixar. Tinha tempo e curiosidade, estava disponível para conhecer todas as histórias deste lugar. E Exu viu em mim uma linhagem e a disponibilidade para não julgar lugares, nem pessoas, o medo exato para entrar e sair de qualquer lugar, a proteção e educação dos povos da floresta e a sabedoria e a ginga

---

<sup>13</sup> Exu é Orixá, entidade natural cultuada pelos povos Yorubá e Bantos. Orixá responsável pela comunicação do Orixás com a humanidade. Dono dos caminhos e encruzilhadas. N.A

dos pés dos malandros dos bares. Exu apontava e direcionava cada rua e destino pelos quais passei, ainda sem se apresentar, até o dia que nos conheceríamos pessoalmente. E foi no Rio de Janeiro que esse encontro se realizou. Depois de uma viagem conturbada, totalmente sem dinheiro, sendo ajudado em algumas cidades no caminho, chegamos eu e Morgana, uma amiga, ao centro da cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Lapa. Este seria nosso ponto de partida para conhecer a cidade maravilhosa e nossa casa por aqueles próximos dias. Dormimos no carro, mas morávamos na rua, perambulávamos pelas ruas da Lapa procurando empregos e formas para iniciarmos nossa aventura por lá. No primeiro dia, um amigo da rua já passou para nós todos os lugares do Rio onde poderíamos fazer todas as refeições do dia, endereços e horários. A Lapa foi o lugar de um dos malandros mais conhecidos do Brasil, José de Aguiar ou Zé Pulintra, nome pelo qual a grande maioria o conhece. Foi com ele que teria meu encontro com Exu, seria ele que passaria para mim a minha missão.

...José de Aguiar, pernambucano nascido na Vila do Cabo Santo Agostinho. Criado em Afogados da Ingazeira, Aguiar foi morar no Recife, na rua da Amargura, próximo à zona boêmia da cidade. (...) Nessa peregrinação, Aguiar foi iniciado nos ritos da jurema sagrada por Mestre Inácio, que conheceu o culto dos caetés. (...) Ao chegar no Rio de Janeiro, trazido pelo traslado de inúmeros imigrantes nordestinos atraídos para a cidade - que na primeira metade do século XX era capital federal -, seu Zé se transformou. Há quem diga que foi morar na Lapa, farreou à vontade e teria morrido numa briga de faca no morro de Santa Teresa. (SIMAS, 2020, p. 18)

A história de Zé Pulintra se cruzaria com a minha não só pelas imigrações que fizemos na vida, mas também pela ancestralidade. Antes de mim, meu pai carregava consigo as energias dos malandros, alimentava a força de Seu Zé em nossas vidas, em mim, haveria de nascer o pagamento, aquele que trabalharia por cultuá-lo. Nosso encontro de fato aconteceu em uma viagem para o Rio de Janeiro. Saímos de Goiânia sem nenhum dinheiro e conseguimos chegar até o Rio sem nenhum problema. Lá fui recebido por um filho de Exu que me acompanhou pelas ruas e cortou o meu cabelo. Foram quinze dias conhecendo e sofrendo as violências que as ruas do Rio de Janeiro fazem com os que vivem na rua e dela precisam sobreviver. Ele velou meu sono na noite em que dormi debaixo da marquise da Sala Cecília Meireles, na Lapa, e mostrou o Rio de Janeiro como ele realmente é. Essa contradição sendo escancarada em cada prédio antigo e nas divisões dos lugares para cada raça, que se perpetua de forma velada, mas que se

observar bem, verá diante de seus olhos. Seu Zé me ensinava que a rua é um grande embate do corpo com a morte, como diz o Professor Luiz Antonio Simas, e “cada passo que ele dava, tinha uma história pra contar” (Ponto de seu Zé Pilintra apud SIMAS, 2020, p.109) e eu via em cada pixo, graffiti, pedaço de informação ou corpos este combate diário e a incessante busca por existir, pertencer. Todos fazem parte da cidade. Fui educado para uma busca pelo reencantamento das ruas que foram profanadas por discursos e violências que matam as personagens que fazem delas esta entidade que me recebeu e me educou com ajuda da minha mãe quando pequeno e, agora, com Seu Zé Pilintra, junto com a Rua em uma parceira incessante de diálogos ancestrais.

Seu Zé me educou para ser como ele e andar em duas frequências, entre o mundo espiritual e o mundo físico. Vi coisas e situações tão ruins, como também fui levado aos melhores paraísos. Saí de lá com uma marca dele em mim, sabia que a partir dali, recebia uma missão para o resto da vida. Meu trabalho serviria também para os Orixás<sup>14</sup>, pois haviam salvado minha vida várias vezes, e que ali, se apresentavam a mim e me contavam toda história que me haviam tirado. Exu, como bom comunicador, me recrutou livrando-me da morte e me deu sentido novo no momento em que me encontrava perdido. Tinha uma dívida para a vida toda e iria realizá-la com muita alegria.

Saber caminhar e dialogar são ferramentas fundamentais, por isso, observei os trejeitos, as gírias e manias deste novo lugar, vivi e ouvi histórias e as reescrevo com olhos de um estrangeiro que aprende ser um daqui também. A poesia, junto com Exu, levava-me em longas viagens e momentos de surtos que fizeram eu atravessar boa parte desse país, passando e chegando até outros estados.

Então, em 2017, veio o curso de Artes Visuais na UFG. As experiências que já estava praticando há alguns anos começaram a fazer todo sentido. Como artista, ouvi muita coisa, como por exemplo: encontrar uma poética. E agora minha vida é encaminhada novamente às letras, eu que um dia tive só palavras para comer e as paredes de um quarto vazio. Todos aqueles anos em que a rua me ensinou intensamente como vivê-la e lê-la, seriam experimentados e pesquisados por mim, nesses anos de formação em artes.

Entre na Faculdade de Artes Visuais num curso de Licenciatura. Minha linha politizada e de total noção da luta de classes me fazia acreditar que o trabalho de base da formação

---

<sup>14</sup> Divindades da religião iorubá relacionados a forças da natureza. N.A.

da classe trabalhadora eram os motivos para os quais estava empenhado naquele grau acadêmico. A arte poderia sim ser usada para criar uma mente mais crítica nos jovens e adolescentes das escolas públicas. Mantive minhas convicções e, nos primeiros anos, minhas obras que foram surgindo ainda buscavam aproximação com a poesia e com os períodos de vivência na rua. Como o caso da obra *Minha casa são meus pés*, de 2019 [Imagem 6], que consiste em uma sandália de couro em que nas tiras vem a frase “Minha casa são meus pés”. Ela é apresentada sobre um tamborete de couro, encontrado na rua. Esta sandália esteve comigo nos anos que vivi na rua, assim como em algumas viagens, como a do Rio de Janeiro e para outros lugares do Brasil.



Imagem 6. *Minha casa são meus pés*, 2019. Sandália de Couro. Fonte: Arquivo pessoal

Naquele momento, me inspirava no Bispo do Rosário, por seu descompromisso com o sistema de arte e sua total motivação em registrar e usar os próprios objetos cotidianos e as histórias às quais tinha acesso. Como cita Luciana Hidalgo em seu livro *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*, “Bispo costumava largar-se pelos confins da Colônia à cata de qualquer material (in)útil naquele pedaço de terra fértil em Jacarepaguá” (HIDALGO, 2016, p.27).

Era visível a preocupação com o lado político e engajado que a arte podia exigir e a educação passava isso bastante, quando o assunto era ir para dentro da sala de aula. Pude estar lá em dois momentos enquanto estive na licenciatura, no PIBID (Programa de Iniciação à Docência) e Residência Pedagógica, e vi que muitas vezes a disciplina das artes é um tanto vilipendiada nos colégios e nas grades dos programas pedagógicos. Comecei a questionar minha formação e percebia que sabia muito sobre educação e administração do ambiente escolar, mas quase nada de práticas e assuntos sobre a teoria da arte. Meus poemas se tornaram pessimistas e voltava a ter medo de entrar novamente na energia de uma depressão profunda.

Estou cansado deste jogo.  
 Não quero mais jogar.  
 Sabe, não tenho mais  
 estrutura para  
 continuar lutando.  
 Estou me dando por vencido.

As vezes quero escrever,  
 então eu sento,  
 pego caneta, papel,  
 coração e pensamento  
 e nada.  
 Diziam que os poetas  
 eram as prostitutas  
 da arte.

Eu me pegava pensando em destino.

Minha vida é uma senhora  
 com uma blusa  
 escrita "lacrou".  
 Tardia, jovem.

E quanto mais louco  
 eles ficam,  
 mais jogam suas artes  
 nos muros.  
 Complexo?  
 Duvido!

A cidade pulsa nos poetas  
e os poetas pulsam num grito.

[VAZ, Rafael, 2018. Publicado em:

<https://poetarafaelvaz.blogspot.com/2018/08/estou-cansado-deste-jogo.html?spre f=tw>]

A faculdade agora prejudicava minha produção poética e meu discurso passava por uma lavagem rebuscada que o poema não aceitava. Parei de escrever, e eram raros os momentos em que viriam. Precisava voltar novamente à rua, lembrar o motivo pelo qual havia entrado no curso de Artes, precisava reencontrar a poesia que eu fazia e deixei perder por causa do academicismo. Eu sentia a Universidade me definhando aos poucos e precisava recuperar o artista que ainda havia em mim.

Naquele período, em 2018/2019, a cena do hip-hop goiano estava começando a ganhar um destaque novamente e as batalhas de rimas estavam em alta. Em um desses eventos, uma amiga me levou para conhecer, pois havia comentado como não conseguia mais escrever, e ela acreditou que assim eu poderia ser ajudado em alguma coisa. Ela estava super certa!

De frente ao palco, eu via aqueles jovens criarem rimas ao vivo e de forma livre, os versos saíam cadenciados nas bocas e se encaixavam em beats de todas as velocidades. A galera ia à loucura e eu ficava deslumbrado, ideias que eu demorava para escrever, eram feitas na pressão, na raiva, era vida ou morte. Todos queriam ver sangue! As batalhas de rima viraram meu rolê, e lá ia eu sozinho para todas que rolavam pelo Centro, UFCentro (Imagem 7), Batalha do Maranhás, Batalha da Cívica etc.

Batalhas que iam se adaptando a cada novo lugar e acabavam sendo nômades por causa das ações policiais. Todos me receberam muito bem, e o preconceito que eu tinha era exterminado pelo carinho e reconhecimento que recebia por eles, e nem precisava rimar de fato, mas sabiam meu corre nas artes e meu passado de poeta, eu tinha vulgo que assinava os lambes e alguns pixos, A.S.M.A (A Sociedade do Maior Abandonado) e alguns já conheciam. Ali eu era simplesmente eu, Rafael que gostava de escrever, com todos os seus defeitos e medos. Lá me ensinaram a me amar e me sentir belo, me ensinaram autoestima e acreditar nos meus corres, me trouxe de volta minha negritude, meu reconhecimento. Finalmente encontrava minha luz no fim do túnel e voltava novamente a sonhar. O RAP me salvou!

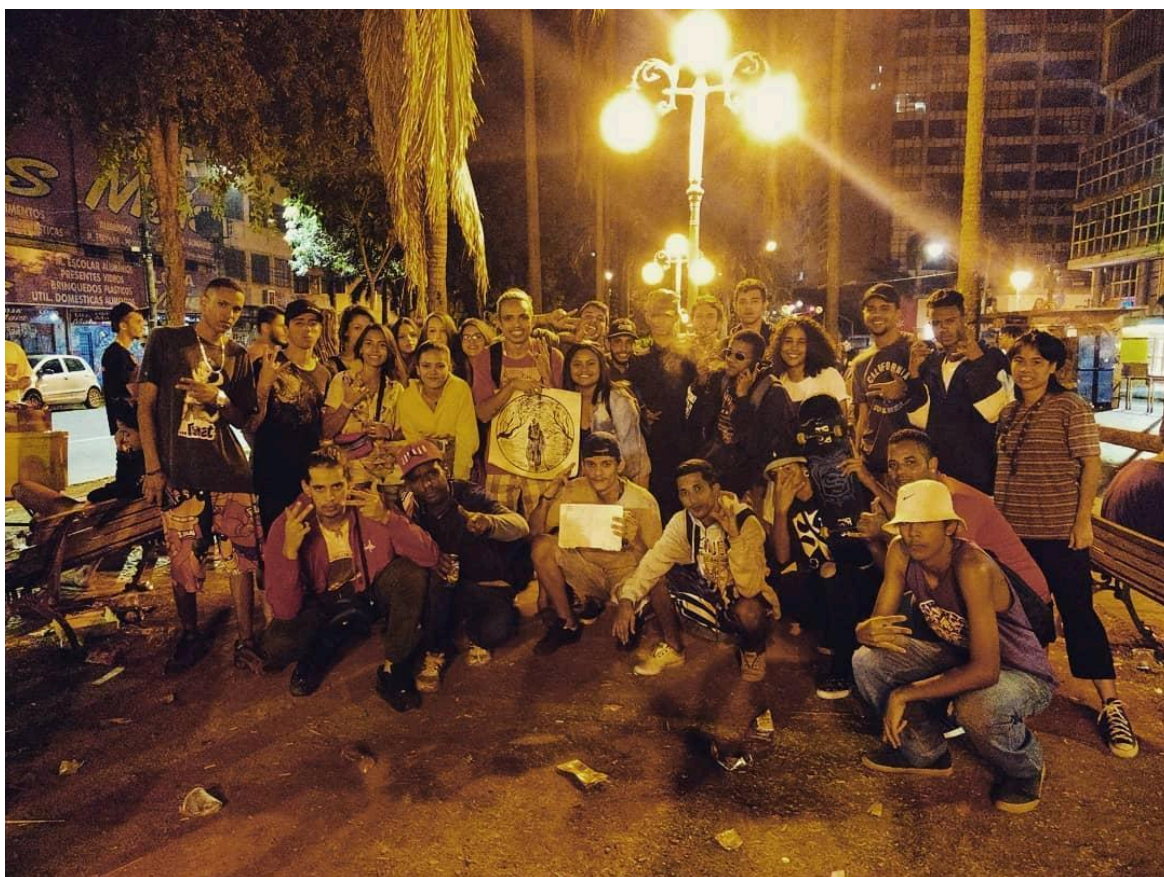


Imagem 7. *UFCentro n.44*, 2018. Avenida Goiás, Goiânia-Go. Foto: UFCentro

Percebi que era o momento de povoar essa sociedade, já tinha criado um mundo e feito poemas sobre ele, mas ainda assim, me sentia abandonado. Porém com a chegada de novas pessoas, através da faculdade e outras do rap, começava a não me sentir só. Acreditava que seria o momento certo e foi então que comecei a treinar o meu desenho. Comecei os primeiros estudos de observação nas aulas da turma de introdução ao Desenho, que se tornaram uma atividade nova. Dali para a frente, iniciava-se o período da pintura que entraria nessa produção com tudo. Comecei a reunir, então, alguns objetos e madeiras que ia recolhendo nas ruas, era incrível o bom estado de alguns desses objetos e sabia que era a rua me propiciando o material que eu precisava e não teria condição de comprar.

Desses materiais encontrados, juntei bastantes folhas que eram descartadas com o fundo totalmente branco. Muitas eram descartadas até sem nenhum uso, outras por serem impressões que deram errado ou apostilas antigas. Juntei milhares delas e treinava meu desenho e o retrato nelas, se fosse para descartar que fossem totalmente

usadas. Começava em mim uma certa agonia com espaço em branco e crescia a vontade de ocupar todos eles com tinta.

Comecei a buscar referências de imagens e retratos para reproduzir, a seleção partiu da intenção de que fossem retratos de pessoas pretas. Sempre fui militante por outros meios, mas somente na Universidade me veio as cobranças em relação à minha negritude e minha participação na luta antirracista. Amigos da casa de estudantes, colegas de curso, todos me cobravam meu posicionamento. Nas batalhas de rap cada vez mais abordamos e discutimos esses assuntos. A formação oral da cultura negra era ensinada assim, com histórias e provas visíveis em nossos corpos e comportamentos, e ali eu estava sendo lembrado de tudo isso. Sem contar as notícias e todo o plano de extermínio do povo preto e indígena, somos recrutados para lutar pelas nossas vidas. Começava a conhecer a literatura e os estudos negros, que falavam cada vez sobre um quilombamento e me reconectavam com o conhecimento que vivia dentro de mim mas que eu ignorava. Abdias do Nascimento, em *O Quilombismo*, afirma que é “urgente a necessidade do negro brasileiro de recuperar sua memória, sistematicamente agredida pela estrutura de dominação ocidental.”(1994, p. 19).

Os papéis recolhidos, quase em sua totalidade em formato A4, eram cortados ao meio, tendo assim duas folhas A5. Nelas eu reproduzia as imagens que ia selecionando através do aplicativo *Pinterest*. Me interessavam as mais coloridas, para que pudesse aprender sobre a distribuição das cores e posições. Separei então uma quantidade boa de folhas e escolhi usar os lápis de cor e giz de cera que havia ganhado de uma amiga, já eram usados, mas ela tinha uma quantidade bem grande, então resolvi que ia acabar com eles nessa atividade. Eu fazia os retratos com lápis, num primeiro esboço e, logo em seguida, já começava a colorir com lápis e gizes. Nesta sequência chegava a fazer 6 ou 8 retratos em um dia. Dei a eles o nome de Retratos para Ocupação [Imagem 8], pois eu pensava numa ocupação não só do espaço como o da mente, dos comportamentos.

Começava a ler cada vez mais teóricos negros em livros que não encontrava na Universidade. É assustador como não aprendemos nada sobre a história preta ou sobre a arte produzida por artistas pretos e tudo que aprendia era por fora da universidade, como Frantz Fanon que me ensinou que “não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência.”(2008, p.189).



Imagem 8. *Retratos para Ocupação*, 2020-2021. 250 x 120 cm. Giz de Cera, Pastel, Lápis de Cor e Caneta Ink. Papéis variados. Foto: Paulo Rezende

Na primeira leva de desenhos foram feitos mais de 200 retratos entre 2019 e 2020, alguns foram vendidos separadamente, porém hoje todos fazem parte dessa apresentação mostrada na imagem. Todos eles foram apresentados nas redes sociais (Imagem 9), postados cada um diariamente com frases desses livros e apostilas de estudos negros que ia recebendo de amigos, fazendo do processo de estudo dos retratos, também, um processo de estudos e auto formação de estudos que foram atrasados pelo colonialismo.



Imagem 9. Post Instagram - 23.03.2021, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal.

Não me sentia mais só e os desenhos vinham como uma força a mais na produção, reproduzia o que aprendia nos retratos para fazer as pinturas de Orixás, pesquisa essa que faço como agradecimento por terem salvado a minha vida, produzia para o Orum<sup>15</sup> e para o Aiyê<sup>16</sup>. Para os retratos dos Orixás, já preferia usar as madeiras e materiais maiores, todos recolhidos pelas ruas de Goiânia.

Tudo que pudesse me dar uma boa superfície para a pintura, eu catava, mantinha meu diálogo com a rua ainda ativo e comecei a agregar ainda mais em minha poética o uso desses materiais que encontrava e legitimando-os dentro dos espaços de exposição. Parte bem difícil do processo, pois o uso desses materiais ainda é bem rejeitado pelo espaço de legitimação da arte, mesmo com grandes referências no uso de materiais reutilizados, a aceitação ainda é muito difícil por parte de uma grande maioria dos ambientes de exposição.

Comecei incessantemente a pintar as madeiras que já tinha separado e comecei uma produção em série de retratos de Orixás, mas como pessoas normais ou pessoas normais que passavam uma imagem de Orixá. No caso da pintura *Maria Navalha e Zé Pilintra* (Imagem 10), a partir de referências de fotografias que pesquisei no *Pinterest*, até encontrar a posição que queria dos corpos para a composição do retrato.

<sup>15</sup> Orum, plano espiritual da Religião Yorubá. CÉU. N.A

<sup>16</sup> Aiyê, plano terrestre da Religião Yorubá. TERRA. N.A



Imagem 10. *Maria Navalha e Zé Pilintra*, 2019. 217 x 157 cm. Tinta acrílica sobre madeira. Fonte: Arquivo Pessoal.

A pintura consiste nos retratos de Maria Navalha e Zé Pilintra com suas vestimentas tradicionais, sempre nas cores branco, vermelho ou preto. Sentados, impõem suas posturas reais de encantados, ou seja, pessoas reais que tiveram o privilégio de elevarem seus espíritos e voltam ao plano do Aiyê para ajudar todos que precisam. Aos pés de cada um copo de cerveja, e aos pés de Zé Pilintra a preparação para seu atendimentos, com os punhais e vela, além do copo já mencionado. Com esta pintura, retribuía de alguma forma o meu salvamento, o amor que recebia da malandragem e sua proteção, e mantinha minha missão de agora recontar essa história.

Nas redes sociais, compartilhei um texto junto da obra, que gostaria de compartilhar aqui:

Durante uma viagem ao Rio, acabei indo parar em um abrigo na Ilha do Governador. Já estávamos a 15 dias no Rio, eu e Morganna havíamos chegado lá por milagres e enquanto eu enfrentava essas bandas, ela se perdia pelo Centro do Rio, circulando entre Lapa e Copacabana. Foi um dos piores lugares que já enfrentei e onde perdi todas as minhas regras enquanto a usar banheiros. Então envergonhado com tudo que havia feito pedi ao único ser que compreenderia toda aquela situação. Pedi a Exu, o senhor dos caminhos, sentado num canto do abrigo, daquele jeito quieto e sem palavras que vocês conhecem, e logo após terminar meu pedido, um rapaz franzino e sem camisa, chega até mim e pergunta se podia cortar meu cabelo. Olhei em seu pescoço e ele carregava uma conta de Exu, cheia de tridentes. Aceitei seu pedido, e ele me pediu para desenhar em

minha cabeça. Aceitei novamente e perguntei se poderia escolher o desenho. Sentado à beira do mar, ele cortou meu cabelo e lemanjá foi testemunha, desenhou com uma navalha o desenho que pedi. Dois tridentes cruzados. Era uma terça-feira. Fui me acostumando com a rotina e com os novos amigos que a viagem me deu. Então num sábado, enquanto fumávamos um, meus amigos me interromperam para que eu visse uma mulher que vem chegando. Era Morganna que vinha caminhando pela areia, usando apenas um vestido amarelo, que os raios do sol da manhã acusavam a transparência. Eu entendi aqueles homens. Fui ao seu encontro e a abracei, finalmente vi minha amiga de volta. Ela então me surpreende dizendo que estava ali porque vinha me buscar para ir embora.

Meu pedido foi aceito. E então tive que me despedir de todos e ali estava selada minha eterna gratidão e vínculo com aquele que sempre esteve comigo e sempre ajudou.

Laroyê, Exu!!!!

[VAZ, 2019. Texto publicado no Facebook em 9 de dezembro de 2019, em: [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=pfbid033ggFP4fa6mzDNusLjYn85nvHzjqW1DDGVvLmwdnNWK9jckjSqZmELzZBdmAHivdMI&id=100010777990137](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=pfbid033ggFP4fa6mzDNusLjYn85nvHzjqW1DDGVvLmwdnNWK9jckjSqZmELzZBdmAHivdMI&id=100010777990137)]

Viveria dois mundos a partir de agora, ou talvez já tivesse sido treinado para isso quando meu coração foi dividido em duas cidades, Altamira-Goiânia, e agora entre o mundo físico e o espiritual. Comecei a sentir coisas que não sentia, minha intuição se tornava mais aflorada e as pinturas já apresentavam momentos de uma espécie de transe. Como já acontecia com os poemas, quando terminando de escrever eu tinha que ler para assim assimilar o que havia escrito e me espantava com sentimentos e imagens que não eram para mim tão particulares, me sentia usado por outra força. E na pintura, ocorreu de acontecer esses fatos, e minha pintura que havia começado de forma didática já apresentava as características de uma certa técnica. Sem conhecimento, misturava as tintas e gerava as cores na própria tela, fazia sobreposições de camadas de pigmentos de diferentes cores e boicotava com linhas simples um realismo que me obrigava a ter que realizar.

Isso começou a me trazer um certo incômodo e principalmente por me aproximar de algumas aulas de pintura, que por causa da introdução à técnica, davam notas boas para aqueles trabalhos que mais se aproximava do realismo, quando é pensando na categoria retrato, na pintura. Comecei a tentar buscar outras formas de retratar sem deixar o retrato de lado, mas não querendo copiar a já extensa lista de pintores negros<sup>17</sup> que começavam, como eu, a busca e o registro de nossos ancestrais e fazedores de

<sup>17</sup> Diego ElKhouri; Okún; Dalton Paula; Wilson Formiga; William Maia; Abraão Veloso; Decy; etc;

ancestralidades para deixarem suas imagens perpetuadas por nossas pinturas. Mas buscava me destacar por alguma característica que me ajudasse a me diferenciar do que já observava no trabalho de meus colegas.

Foi então que fui convidado pelo curador Gilson Plano<sup>18</sup> para a Exposição *TERRA SE NÃO A TERRA*, no Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás (CCUFG), na oportunidade participei com a obra *TODOS OS DIA ELES NOS MATAM, TODO DIA NÓS NASCEMOS* (Imagem 11), que consiste numa cabeceira de madeira que recolhi em Altamira, na casa de meus pais.

Sobre esta obra também publiquei um texto breve em minha redes sociais:

Em minhas férias em Altamira pude encontrar esta cabeceira encontrada no quintal da casa da minha família. Como me encanta muito apropriação desse tipo de objeto para intervenções pude me experimentar nesse. Altamira-PA é um dos municípios mais violentos do mundo e voltar até lá é sempre como uma renovação por ter o privilégio de ainda estar vivo. Muitos dos que conheci ou jogavam bola comigo no campo do Burlamaqui já não estão mais vivos.

O plano está sendo posto em prática e o extermínio continua diariamente. Mas todos os dias renascemos, levantamos nosso orgulho e cuidamos da nossa auto estima e nos preparamos pra luta. Esta é uma obra que conta sobre os que não vemos, os que viram estatísticas, os que não tem tempo pra Arte, pois estão sustentando este país com seu suor e suas vidas.

[VAZ, 2019. Publicado no Facebook no dia 6 de dezembro de 2019, em: [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=pfbid0hZ7YioLJAyaJoGMwnw4xzqTCfJodEPKDJpZZBbapKSH6t4N95SwsbdtmPcNegvxl&id=100010777990137](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=pfbid0hZ7YioLJAyaJoGMwnw4xzqTCfJodEPKDJpZZBbapKSH6t4N95SwsbdtmPcNegvxl&id=100010777990137)]

---

<sup>18</sup> Gilson Plano é goianiense, nascido em 1988. É artista e educador, desenvolve trabalhos e pesquisa na intersecção de escultura, ação, fotografia e vídeo. Investiga em sua produção artística o imaginário sobre a história do corpo preto acompanhadas das idéias de peso, ficção e encantamento. Fonte: <https://galeria.fav.ufg.br/p/38574-gilson-plano>

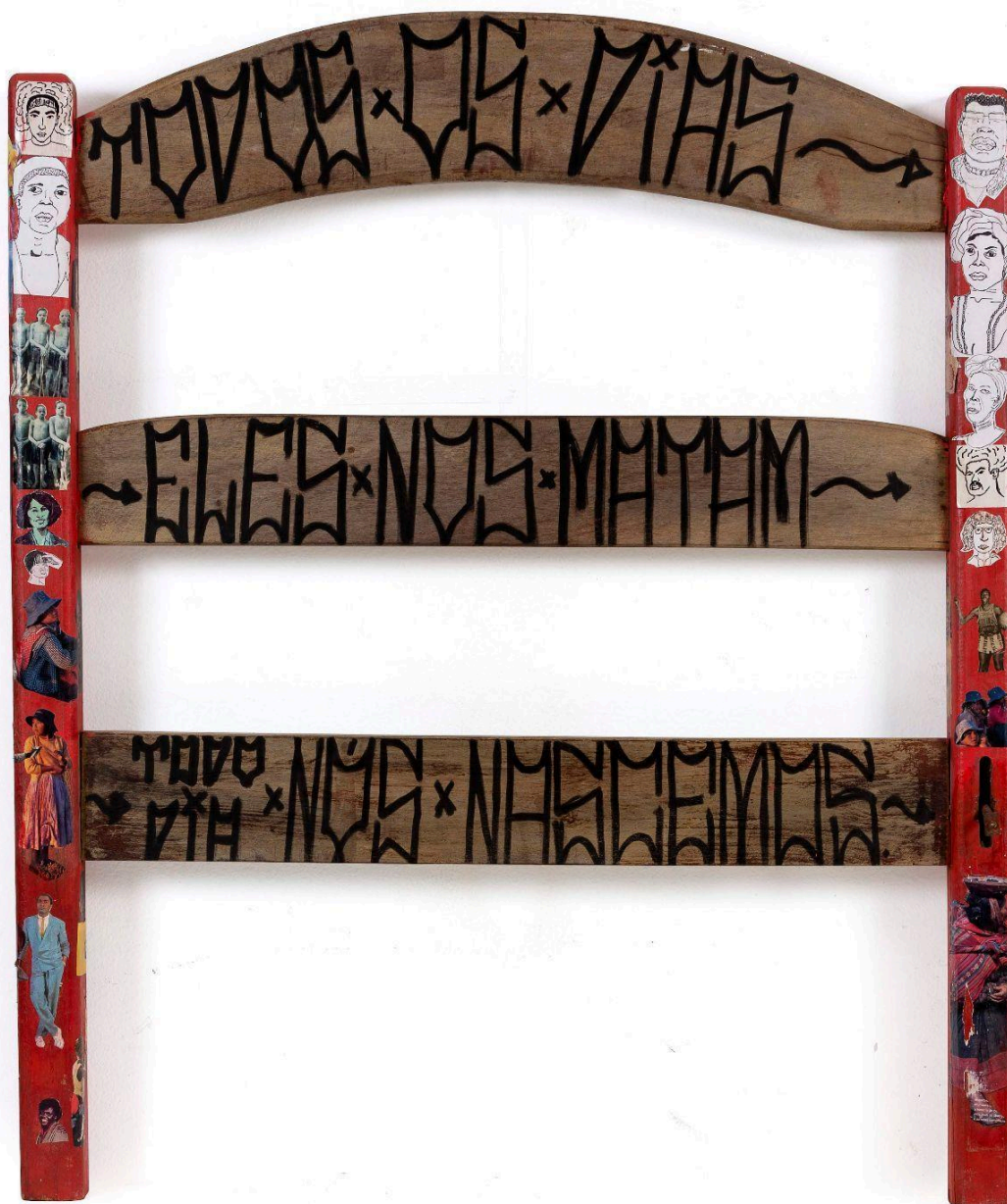


Imagem 11. *TODOS OS DIAS ELES NOS MATAM, TODO DIA NÓS NASCEMOS*, 2019. 100X88 cm. Cabeceira de Madeira, Posca, Tinta Acrílica e Colagem. Foto: Paulo Rezende

Quis, na cabeceira, juntar as partes que me formaram. Por ser um objeto encontrado em Altamira, era necessário que falasse sobre lá também, então comecei a pensar sobre o que via na cidade nesse meu retorno e lembrei que sou uma exceção dessa cidade, a maioria dos amigos da minha rua que brincavam comigo já haviam sido mortos, ou presos, a cidade se tornara muito violenta para quem tinha ficado e percebia em mim já

um certo estrangeirismo. Mas além de estar dividido entre duas cidades, me encontrava dividido agora entre duas técnicas. A poesia e a pintura, e ainda o desenho, processo presente na feitura dos dois. As letras e as cores se prestavam à disposição das histórias que precisavam ser contadas.

E naquela época, eu era dominado, e Altamira principalmente, por programas policiais no horário do almoço, que mostravam a violência e o prontuário do dia. Seria normal, se minha mãe ou qualquer outro membro da família, não reconhecesse as vítimas ou os bandidos, a violência caminhava ao nosso lado. E nascia de minha cabeça uma rima que se repetia como uma ladainha: “Todos os dias, eles nos matam. Todo dia, nós nascemos. Quando é que vão olhar pro lugar que nós vivemos?” Ela repetiu até eu encontrar a cabeceira. De pronto sabia que ia escrever a rima nela. Fiz então com caneta Posca a frase, com fonte de letras de pixo, que era minha principal atividade de exercício para as escritas. Para completar, queria uma composição de retratos de vários tipos de povos que foram violentados pelo colonialismo e pela exploração. Com o pouco espaço nas peças laterais, preferi aplicar a colagem pela facilidade de já haver esses retratos e outras revistas que poderiam me entregar essa representatividade, além de adesivos com retratos que eu mesmo tinha feito. Passei uma base de tinta vermelha onde fiz a colagem para lembrar que tudo é feito sobre muito sangue derramado que nunca foi estancado.

Ao ver essa obra exposta no Centro Cultural, ela me impactou de uma forma que eu não esperava. Pela primeira vez ela me mostrava algo que nunca havia percebido, que era como aquela combinação de minhas técnicas me agradavam, percebi que trabalhava tão bem quando precisava juntar os símbolos para a construção das imagens que quero mostrar.

Encontrava aí as motivações para a minha pesquisa de conclusão de curso e fazia um retorno às letras, à poesia e à mistura que havia desejado, mas que foram interrompidas pelas demandas pessoais e acadêmicas. Voltei para as letras pelo caminho da imagem, e passei a buscar nas imagens a poesia que me foi tirada. E para isso voltei no tempo para dialogar com ele, para que me lembrasse dos elos dessa trajetória que me levaram a ser essa mistura, essa encruzilhada, onde poesia e pintura se encontram e onde palavra e imagem são usadas para contar as histórias dessa trajetória.



## O POEMA

*Poesia com rima, é fraco. Poesia sem rima, é desabafo.*

No decorrer do processo de formação, a poesia sempre foi a responsável pela elaboração de ideias que me acompanhariam durante minhas produções. Meus poemas que são escritos em cadernos particulares (Imagem 12), passam por um processo de curadoria onde influenciado pelo estado emocional vivido durante o dia, são escolhidas frases que se transformarão em lambes, futuramente.

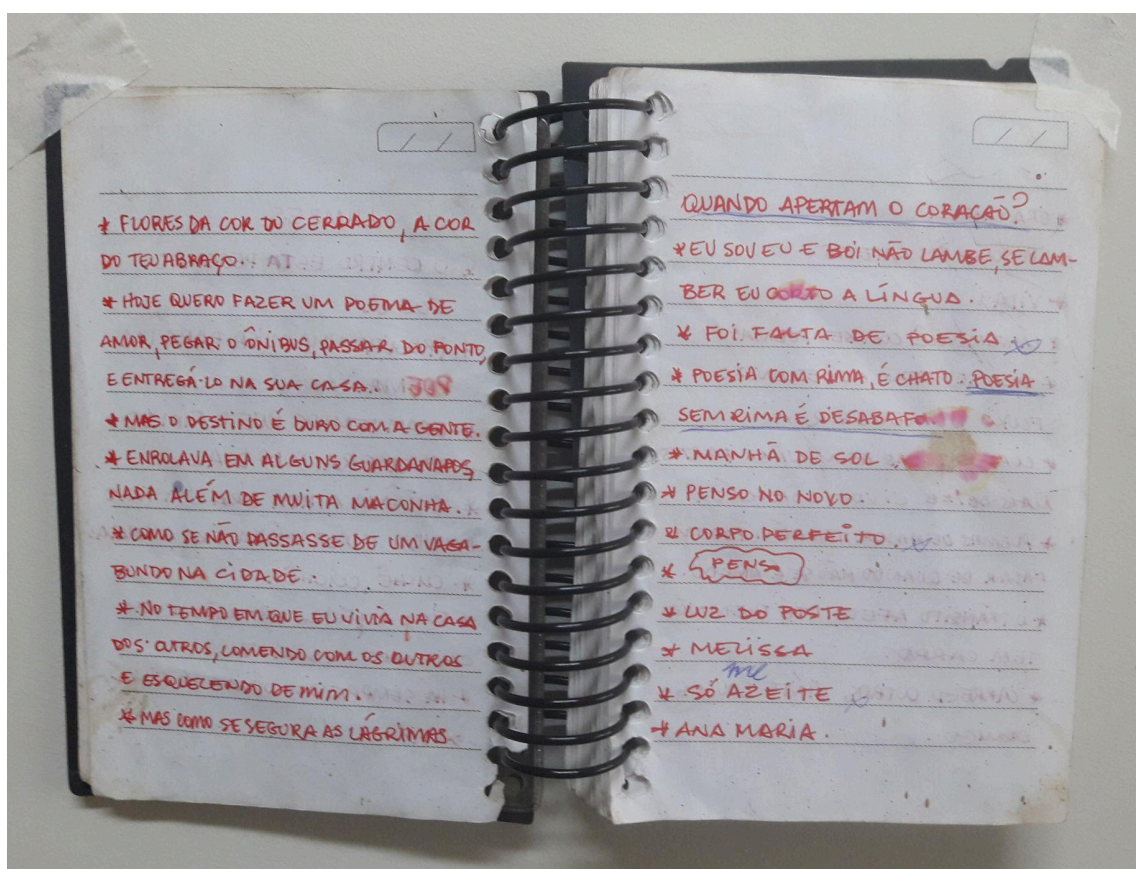


Imagem 12. *Diário do Artista-2018*, 2023. Fonte: Arquivo Pessoal

A primeira intenção quando comecei a retirar as frases de meus poemas, foi por uma sensação de que, ao lê-los, algumas frases se completavam por si só. Só elas já eram capazes de ser um poema inteiro. Acredito ser uma inspiração muito grande os cadernos e agendas que minhas irmãs e adolescentes do Brasil inteiro tinham, cheios de músicas e frases de gentes famosas e intelectuais. Era um tempo que não havia “nuvem” sequer

para podermos guardá-las como acontece hoje, com os arquivos digitais. Esses cadernos foram responsáveis por praticamente boa parte da minha formação como cidadão, aprendi os nomes de pessoas importantes aos quais nunca teria acesso.

Quando resolvi começar a fazer lambes, havia em Goiânia um grupo muito forte que usava as palavras e frases poéticas. Era um meio muito usado pelos poetas mais jovens e subversivos. Tinha um toque de transgressão ao sistema de vandalizar as paredes e os meios públicos. Queríamos mostrar que estávamos vivos, e eles não nos conteriam, mas também queria divulgar minhas poesias, e não há meio melhor que a rua. As mães-de-santo usam bastante esse marketing para divulgar seus jogos e você pode vê-los aos montes pelos postes da cidade. Então por que não fazer o mesmo com a poesia? Usei o que tinha nas mãos, canetas e marcadores e folhas sulfites reutilizadas que encontrava na rua (Imagem 13). Cada lambe feito à mão e com frases diferentes umas das outras, pois não havia dinheiro para cópias e eu tinha pressa, gostava do que tinha à disposição.



Imagem 13. *Lambe colado na Praça Universitária*, 2015. Foto: Alessandra Castro

Escolhi como vulgo, nome para divulgação nos lambes, a sigla A.S.M.A. (A Sociedade do Maior Abandonado). Esse título já vinha me acompanhando desde os meus primeiros poemas e falava muito sobre como me via e percebia em Goiânia. Tirei a ideia de duas

obras que me cativaram muito que foi o filme *A Sociedade dos Poetas Mortos*, do diretor Peter Weir e estrelado por Robin Williams, e da música da Banda Barão Vermelho, *Maior Abandonado*. Me encontrava adolescente em outro Estado, independente e sem saber como viver. E a poesia havia sido o meio que me tornou possível acessar e conviver com pessoas, me trouxe amigos, então, honrei minha palavra em fazer o que me fosse possível para continuar produzindo.

Os lambes me acompanharam efetivamente como principal meio de expressão até a entrada na Faculdade de Artes Visuais. A partir das novas experimentações aproveitadas nos ateliês e estudos dentro da faculdade, as palavras foram encontrando novos espaços para se encaixarem e se expressarem em meu trabalho artístico. Por isso, tomei como estudo para este TCC o resgate de poemas e frases acumuladas ao longo desses anos para jogar uma luz a essa produção que ficou hibernando durante um tempo e, agora, retorna pedindo espaço em meio à pintura, expressão à qual vinha me dedicando há algum tempo através do estudo de retratos.

Durante a formação, tive algumas experiências em que a pintura trouxe as palavras e o meu poema para a tela, processos que colaboraram para que essa presença não passasse despercebida. Uma delas é a obra *Eu sei que só agrido*, de 2018 (Imagem 14). Essa é uma das minhas primeiras pinturas e consigo perceber que tinha já uma ideia do que buscava com a mistura das imagens com as palavras. Na pintura, uso uma frase retirada do meu poema:

Em cada palavra, um desabafo.  
Em cada rima, coração.

Faço versos ao vento.

As ruas andam por mim e  
e choro lágrimas de uma  
cidade doente.

Jovens e velhos, estamos  
todos fudidos.

Você volta, eu te dribro<sup>19</sup>.  
Trago o beck para me

---

<sup>19</sup> Expressão usada a partir da pronúncia errada do verbo DRIBLAR. Foi popularizada entre os praticantes de futebol depois que memes do Ronaldinho Gaúcho com a expressão foram sucesso nas redes sociais. N.A

manter protegido.

E sei que às vezes só agrido.

[Publicado em 6 de agosto de 2018 em:

<http://poetarafaelvaz.blogspot.com/search?q=Eu+sei+que+as+vezes>]



Imagem 14. *Eu sei que às vezes eu só agrido*, 2018. 41 x 41 cm. Acrílica e Posca sobre Madeira. Foto: Paulo Rezende.

A frase foi escolhida porque era um momento em que me sentia constrangido por não saber lidar com os meus sentimentos e com uma imagem violenta que certos homens negros possam passar na sociedade. Não podíamos reclamar das condições que vivemos ou viver de forma letárgica pelos entorpecentes que acessamos. É preciso

passar uma imagem de forte, sem contar com a revolta interna que nos consumia com o racismo a nos vigiar todos os dias pelos olhares das pessoas. Eu via nos meus amigos, nas pessoas e em mim, uma decepção misturada a uma tristeza pela condição que os governantes nos colocavam. De mim exigiam “uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto” (FANON, 2008, p. 107). A mídia e a polícia eram os principais braços para execução desse plano nefasto de execução da população negra no nosso país e era de conhecimento empírico de todos que sofriam na pele a propaganda que a mídia fazia, de onde nossos corpos deviam estar e que trabalhos e condições devíamos viver. Lembremos a quantidade de novelas de época, “Novela de escravo, a emissora gosta. Mostra os pretos chibatadas pelas costas. Faz confusão na cabeça de um moleque que não gosta de escola”, como bem lembra MV Bill em sua música *Só Deus Pode Me Julgar*. Quanto à polícia, era o braço armado que perpetuava essa imagem e botava em prática o plano de extermínio maquinado pela tentativa de eugenia do país, mas que não falhou, encarcerando e matando corpos negros por todo o país e mantendo na cabeça a imagem do corpo que invadirá sua vida lhe roubando todos os seus pertences. Feche os olhos e pense num assalto e que estereótipo vai lhe assaltar dentro do carro ou invadir sua casa? Essa era a força de influência que estes dois mecanismos juntos faziam na mente de todos que vivem nesse país.

Durante o hiato dado na produção intensa dos poemas, reservei a colagem como técnica para continuar próximo às letras e às palavras. Através da colagem, podia continuar experimentando as palavras, não só na composição de frases, mas também como elemento pictórico e gráfico. Minha intenção sempre foi tentar fazer com que os recortes pudessem criar o poema para mim, eu era apenas um agente manipulador físico dos materiais, tinha aprendido com os dadaístas, como Hugo Ball e Tristan Tzara, um certo cinismo sobre a posição do poema e também a condição viva do poema proposta pelos Concretistas e depois com os poetas do Poema-Processo. Por isso, depois de recortar e separar as imagens, recortava os parágrafos e pedaços de textos que sobravam e ainda pedaços grandes de bordas e outras sobras das páginas que desse algum pedaço de cor chapada (Imagem 15), logo após separando em sacolas e caixas cada tipo de retalho.

Logo depois os retalhos foram separados em sacola de imagem e sacola de cores, caixa

de retalhos e caixa de parágrafos.



Imagem 15. *Retalhos para Colagem*, 2023. Fonte: Arquivo Pessoal

Minha intenção era encher a folha A4 que usava, criando com retalhos a borda que deixaria da folha. Essa primeira camada de retalhos, quase sempre fazia com pedaços grandes de parágrafos, por serem bastantes, eram usados para criar um plano de fundo formado por palavras que criavam um tipo de chuvisco embaçado no fundo, dando destaques na imagem ou palavra posta em primeiro plano (Imagem 16).



Imagem 16. Da esquerda para a direita: *Terror*; *Sensações*; *Quase*, 2019. Colagens analógicas. Papel 180g. Fonte: Arquivo Pessoal

No processo de criação, os retalhos são sorteados das sacolas e das caixas de forma aleatória, tentando não interferir na escolha do acaso, assim poderia deixar as imagens e palavras livres para me mostrarem o que poderia aprender com elas, exercício importante para a poesia dadaísta, por exemplo. No uso excessivo de algumas colagens, eu podia experimentar composições e como as letras se comportavam. Essas são experiências muito encorajadas pelo conhecimento do Poema-Processo, movimento ativo entre as décadas de 1960-1970, que tem como um dos principais artistas Paulo Bruscky, poeta pernambucano que diz que “a ênfase no caráter aberto do poema semiótico, sua articulação estrutural e a participação ativa do leitor, através da abertura às possibilidades de reconfiguração da forma-matriz, são traços fundamentais do Poema/Processo” (BRUSCKY, 2019, p. 8). A ideia era então experimentar e deixar que o sorteio do acaso e a imaginação pudessem criar novas imagens e poemas com os retalhos de imagens palavras.

Tempos depois, resolvi juntar todas as colagens realizadas desde 2018 até 2023, para comparar as diferenças e resultados encontrados nelas (Imagem 17-18). Com todas elas ali juntas, cada erro ou acerto de cada colagem me mostravam quais meus gostos quando se falava sobre o uso da palavra no patamar gráfico ou pictórico.



### Yes, I am – No, I'm not

O uso de “Yes” e “No” isolados é indelicado; assim, convém evitá-lo. À pergunta “Are you Mr Grant?” (“É o senhor Grant?”) você deve responder “Yes, I am” (“Sim, eu sou”) ou “No, I'm not” (“Não, não sou”). “Mr Grant” não precisa ser repetido, por estar já subentendido.

Note que a resposta afirmativa “Yes, I am” (“Sim, eu sou”) jamais é contraída. Você não pode dizer “Yes, I'm”. É necessário pronunciar as três palavras: “Yes, I am”.

engraçadas, exageradas. su  
companheiras, passio- p  
a de tudo, verdadeiras. r  
neasta definiu tão bem c  
quanto o espanhol Pe- c  
óvar, de 66 anos. Se- i  
s surrealistas, como c  
bito (2011), seja em e  
licadas, como Tudo r

### Lesson 2

## Listen and repeat

Ouçã e repita

Repita, em voz alta, as seguintes frases.



Bom dia

Meu nome

Meu nome é

Meu nome é Roger Wood.

Boa noite

Eu sou

Eu sou Sarah Dunn.

Você é Howard Grant?

Não, não sou.

Você é Sarah Dunn?

Sim, sou.

### LOOK BACK

Confira

O excesso de imagens e recortes vão diminuindo a cada novo período de produção da colagem, sendo um excesso no começo da prática, como se quisesse ocupar toda a folha. Depois, a ocupação total das folhas por parágrafos e letras passam a ser sem plano de fundo para imagens sobrepostas e, já nas últimas, há um cuidado e uma escolha intencional na escolha dos elementos que farão parte da colagem. Ao juntá-las, nomeio como *Vomitarismo*, um título que venho dando ao tipo de poesia que já faço desde o início, por serem exercícios incontroláveis os comparo com o vômito, ação involuntária ou provocada de sacar para fora aquilo que está dentro, incomodando. Assim são meus poemas, que nascem de um sentimento que por volta é incontrolável, e muitas vezes um incômodo. Como bem lembra o texto *O meio como ponto zero - metodologia da pesquisa em artes plásticas*, das autoras Blanca Brites e Elida Tessler, sobre “encontrar uma metodologia de trabalho que ajude a expressar o que se quer, da forma como se quer, e manter o espírito investigativo sistemático são maneiras de aprofundar e enriquecer a obra, ampliando a sensibilidade e a qualidade do processo criativo” (2002, p. 39).

Este processo revela o passeio que fiz pelos caminhos que já experimentava com as palavras até aqui, mas ainda não é nessa linguagem que haveria de me concentrar. Decido voltar à rua, em busca de algo ou de alguma história que havia perdido nesses anos de academia. Volto para atualizar a produção e os assuntos necessários a tratar. Para isso, volto a produzir alguns lambes, para ter motivos para voltar à rua e sentir como andam as energias para se produzir a céu aberto. Começo então, em ateliê, a produzir alguns lambes (Imagem 19) com frases novamente retiradas dos cadernos de lambes, mas dessa vez selecionando frases em que constassem as palavras poesia, poeta, poema ou rua, palavras que estruturam também as partes deste TCC. Quis, assim, oferecer um caminho para uma melhor compreensão do espectador do que perpassa esta pesquisa e a forma de produzir do poeta, bem como dar pistas sobre a produção dos retratos que fariam parte agora dessa composição junto com as frases. Com essa experiência pude repensar o uso da fonte do pixo como sendo a oficial para o trabalho que viria a pensar para produção artística final do curso, e que os retratos viriam de formas mais sutis, se encaixando entre as letras, encontrando espaço para o diálogo entre os dois. Com as frases, busco colocar o espectador dentro da produção do poema e com os retratos convidá-los a olharem para si mesmos, como partes integrantes dos

poemas. Reflito, também, se devo iniciar de fato os retratos de pessoas que conheço e pauso os registros de imagens que junto no *Pinterest*. É preciso registrar também quem participa de minha experiência no Aiyê e juntos comigo escrevem este grande poema que é a minha existência.



Imagem 19. *Lambes*, 2023. Faculdade de Artes Visuais. Fonte: Arquivo Pessoal

Com a necessidade de criar uma produção artística que pudesse acompanhar o raciocínio estabelecido até aqui, ouço minha escrita e percebo que os meus trabalhos costumam partir de uma espécie de processo de catalogação, que me permite observar e registrar histórias do mundo que, ao longo do tempo, se estenderam aos retratos. Quando criei a sigla A.S.M.A. (A Sociedade do Maior Abandonado), que era o resultado

dos poemas e das histórias que eu registrava, percebi que meu trabalho havia criado a necessidade de um espaço específico. Foi preciso criar, então, A Sociedade do Maior Abandonado para justamente ancorar este espaço onde o poema viveria, como um griô<sup>20</sup> com sua ancestralidade deturpada e que fazia o ajuntamento das histórias que lhe foram tiradas e recolhia as novas para que não acontecesse o mesmo apagamento com o presente. Quando vi meus irmãos e iguais mortos, senti a necessidade de povoar e fazer renascer estes corpos e ideias que foram exterminadas. Passei a fazer retratos incessantemente e a tentar representar as histórias que ainda permaneciam só na oralidade. Pintaremos e escreveremos onde quisermos e pudermos porque estamos à beira da morte e nossa pressa pede que seja feito aqui e agora.

Havia uma necessidade pulsante e assim foi feito. “A arte não é um discurso, é um ato” (BRITES; TESSLER, p.37). Hoje essas ideias se encontram e buscam uma coesão em que ambas possam trabalhar juntas, haja visto que essa dualidade é constante em vários fatores em meu trabalho. Vivo entre duas cidades, sou do signo de gêmeos, misturo escrita e imagem, trabalho entre a rua e o ateliê, Orum e Aiyê, o racional e o espiritual. E nesse momento de união dessas duas partes para realização desse trabalho de conclusão de curso, proponho usar a pintura como técnica para realização dessa obra e proposta poética.

Partindo dessa ideia de criação de uma sociedade onde o poema e produção visual são meios para contar e registrar essas histórias, penso em certo momento em minha própria concepção. E como bem refletido no capítulo O POETA, penso que se sou capaz de produzir reflexões e obras através do meu trabalho, tenho que dividir estas honras com aqueles que me formaram e formam a mim, como ser humano. Pessoas importantes na formação e escrita do corpo-poeta.

Por isso, como trabalho final deste TCC, proponho uma série de três pinturas retratando minha mãe, meu pai e Zé Pilintra. Para compor junto com os retratos, escolhi frases que falam sobre o poema ou a produção dele, acompanhado de alguns objetos ou símbolos que representem os três retratados. Registro tudo em um diário para ir acompanhando o trajeto da produção. E assim ficou a ideia de símbolo para cada um deles (Imagem 20):

---

<sup>20</sup> Pessoas que preservam e transmitem histórias através da oralidade. N.A.

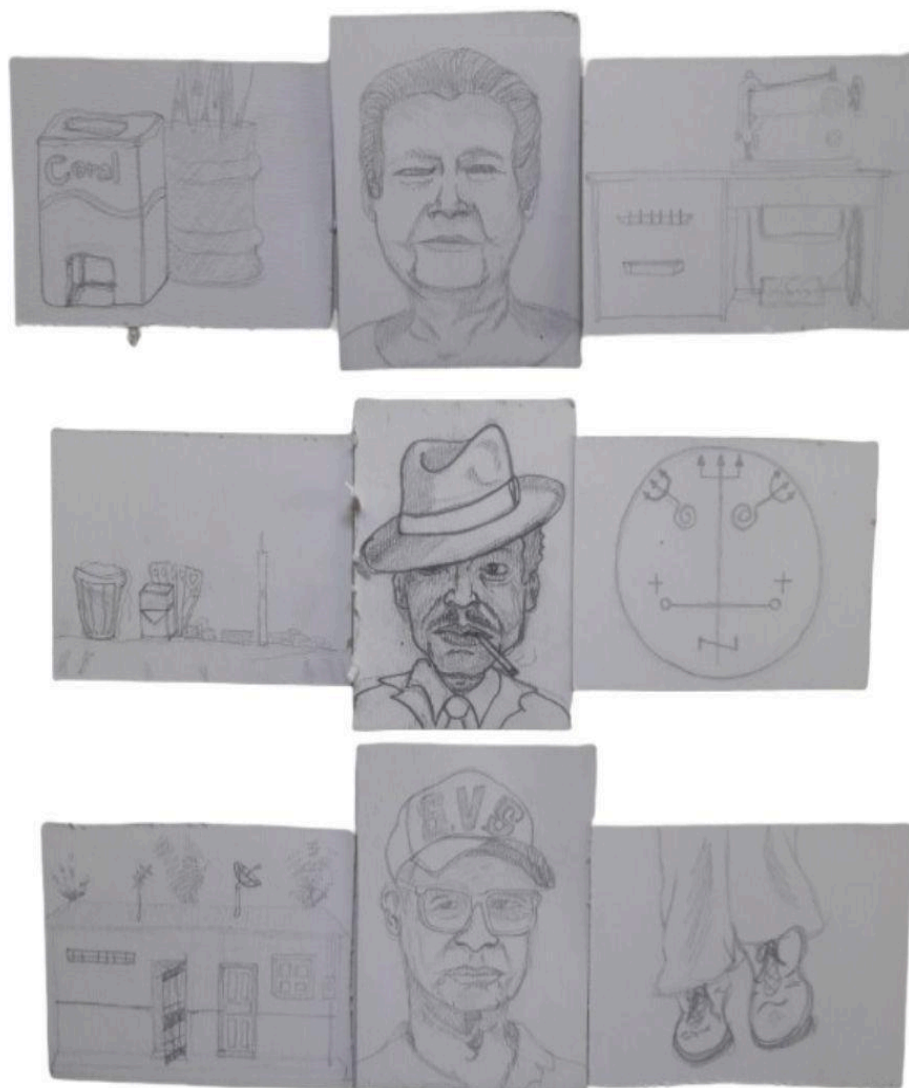


Imagem 20. *Desenhos de Estudo*, 2023. Lápis HB sobre Papel 180g. Fonte: Arquivo Pessoal

### **MÃE: Máquina de Costura; Plantas; Fogareiro;**

Minha mãe foi responsável por muitas coisas de casa, entre elas a costura que serviria para criar e fazer as roupas dos filhos e a produção de tapetes para renda extra. Sua outra acomodação foram as consultas do bioenergético, de onde ela tirou todos os seus conhecimentos sobre plantas e como usá-las no trato fitoterápico. Já o fogareiro vem de outra necessidade essencial para a família, pois a dificuldade com a compra e economia do gás, minha mãe sempre deixou seja na lata ou sobre um jirau, um fogareiro feito de

argila, técnica aprendida com minha vó.

**PAI: Casa; Dança;**

Os símbolos que escolhi para meu pai me fazem refletir muito sobre o tempo que estivemos juntos e como as divisões de gênero eram evidentes com meu pai. A casa aqui simbolizada é a mesma que na adolescência ajudei-o a construir, junto de meus outros irmãos. Papai haveria de entregar grande parte de sua vida para sustentar e manter os filhos focados apenas nos estudos. Mas, mesmo assim, ainda passível de ensinar mesmo que de forma questionável, os primeiros passos da dança da vida. A linguagem dos pés e o ritmo malandro da dança.

**ZÉ: Copo de Cerveja; Cigarro; Baralho; Dados; Folhas; Ponto Riscado;**

Seu Zé já traz seus símbolos consigo e apenas os trago como forma de potencializar sua energia na pintura. De um lado trago o ponto riscado, registro de identidade da entidade que baixa no terreiro, esses símbolos chamados de pontos riscados, são feitos como forma de apresentação e nomeação da entidade que está se apresentando. Outra vez, estes pontos são usados como proteção da casa ou terreiro que a entidade comanda. Do outro lado, trago objetos que fortalecem a presença e energia de Zé Pilintra, o cigarro e a cerveja, assim como os dados e o baralho, acompanhado por folhas e essências no culto da Umbanda.

Em seguida comecei a pensar quais frases iriam encaixar com cada um, era necessário que fizesse sentido em relação à pessoa que era retratada, sendo assim:

**MÃE: Em cada rima, coração.**

Escolhi esta frase para minha mãe pois acredito estar a ela ligado, bem como a minha visão de mundo e a forma como lido com ele. A principal responsável pela minha criação, ela me mostrou como conviver com as pessoas e a fraternidade que temos que ter enquanto comunidade e ajuda. A rima é o fecho maior do poema, que se vindo do coração se torna verdadeiro e impregna a nossa experiência. Minha mãe é a quem devo a maior parte da minha formação, sem a formação do cidadão não se formaria o poeta.

**PAI: Em cada palavra, um desabafo.**

Para meu pai, escolhi esta frase, pois ele sempre me foi visível como uma figura de um pai bravo, sem tempo, que não tinha manha com a criação dos filhos. Vi meu pai sempre como bravo durante a semana e bêbado durante o fim de semana. Depois de adulto, compreendi muito bem porque tomava aquela decisão. Se havia oportunidades para descarregar tudo que guardava não perdoava ninguém. Eu herdaria este defeito. Desabafo representa muito bem alguém que resistiu ao mundo que pretendeu sempre o matar.

**ZÉ: As ruas andam por mim.**

Ao ser apresentado a um dos donos da rua, passei a perceber estes espaços da cidade de outra forma. Não falava mais só sobre mim, me chegavam histórias onde a única fonte da qual me lembro se chama Rua, pois os transeuntes e personagens são variáveis, passageiros e muitas vezes efêmeros. Acho que sou eu que pertenço às ruas e me sinto como um intermediário para contar suas histórias.

Depois de selecionada a composição do projeto de cada pintura, comecei a desenhar e a fazer esboços dos projetos para encontrar como seriam distribuídos os elementos na pintura. Em meus objetos guardados ainda tenho muito material em madeira que foi recolhido e ainda espera por intervenções, para estes retratos resolvi escolher madeira no formato redondo, pensando muito na ideia que a obra *Eu sei que às vezes eu só agrido* (Imagem 13) passa como referência e tentar redimensionar essa composição para esses novos trabalhos.

Separadas as madeiras, comecei a produção pelos retratos (Imagem 21), desenhando-os no centro consegui ter um maior controle dos elementos que viriam em torno do rosto de cada retratado.



Imagem 21. *Retratos em desenho sobre a madeira*, 2023. Fonte: Arquivo Pessoal

Ocorreu-me na hora de escrever as frases, que o espaço era muito pequeno e por isso não caberiam. Resolvi, então, resumir as frases em palavras que pudessem ainda permanecer com o sentido que cada uma deveria apresentar. Não queria muito ter que trocar de frase ou não, e então resumi as que já estava usando, dessa forma ficaram assim as mudanças:

Mãe: PALAVRA CORAÇÃO

Pai: PALAVRA DESABAFO

Zé: CIDADE POESIA

Com essas mudanças eu permaneço com as palavras CORAÇÃO e DESABAFO presentes nas frases já escolhidas, e trago a PALAVRA para completar e ornamentar junto com as outras palavras escolhidas o poema pintado nas telas. Muitas vezes usamos de palavras ou adjetivos para desenhar as pessoas que queremos apresentar, mostrando que palavras são capazes de criar imagens mentais, criadas a partir das lembranças e arquivos de imagens mentais pessoais. Outra grande mudança que fiz foi na frase que acompanharia o retrato de Seu Zé. A frase foi totalmente retirada e

pensando na importância e no momento do trabalho que encontro com esta entidade, acredito que sua principal interferência perpassa pelo processo de se integrar à rua, a conversar com ela. Por isso, a escolha das palavras CIDADE e POESIA. CIDADE POESIA. Percebendo que essa é principal característica dessa entidade que samba pelos caminhos, de linhas retas e curvas, bifurcações e encruzilhadas e faz de sua vida e passagem poesia para os que virão, ensinando a todos o que a rua pode apresentar e ser.

Volto ao ateliê, que neste caso, por estar ocupado com as atividades de estágio e outras demandas de final de curso, acabou sendo em vários lugares como, por exemplo, o Centro Cultural UFG onde estava fazendo o estágio (Imagem 22), onde com a presença de alguns materiais pude melhorar e tratar algumas falhas e sujeiras que foram se acumulando durante o processo, fazendo tanto a pintura como o trato da conservação dos poemas.

Passo a chamar as pinturas de poemas a partir de agora, pois depois de uma conversa com minha orientadora, podemos chegar a uma percepção juntos, de que mesmo com os retratos e as pinturas, permanecia ainda com a cabeça de poeta nessas novas técnicas que fui aprendendo, percebo isso, quando monto as pinturas com símbolos ou objetos para criar alguns retratos(-poema), assim como uma composição que conte também sobre o entorno e a cena ou momento que vai ser registrado através das pinturas. Parte dos processos dos meus poemas passam por essa seleção de cenas e detalhes que serão contadas pelos poemas, sendo assim, permaneço ainda a fazer poemas, mesmo através das imagens, e ainda as imagens que tenho criado, têm contado os poemas que por esse período tinha deixado de escrever.



Imagem 22. *Momento em Ateliê no CCUFG, 2023.* Fonte: Arquivo Pessoal

Era uma concordância que devia por a acreditar a mim mesmo, a transfiguração da poesia e agora sua total harmonia com as pinturas e outras técnicas aprendidas durante a formação. Elas foram mais vividas do que estudadas e hoje estão diante de um diálogo

e percepção das coisas como aconteceram. Perceber que algumas delas já apareciam como forma de trabalhar e também de formação é algo que ainda me espanta e me espantarão novamente. Conheci as letras através das fachadas e dos muros, aprendi a escrever desenhando as letras das ruas e agora junto a elas os rostos que fui registrando com minhas retinas. As três pessoas retratadas nas obras finais que apresento deste TCC, bem como suas respectivas simbologias, são os principais alicerces formadores da corporificação e índole do poeta no qual me tornei. Se me considero também poesia, são essas pessoas que escreveram as primeiras páginas dessa vida que hoje passo a registrar.

Para finalizar e tornar físico esse poema de homenagem, mas também de registro dos poemas formadores do poeta e suas simbologias e ensinamentos, trago uma série de três retratos em madeira (Imagens 21 a 24). São pontos de partida para uma fase onde a poesia se torna algo mais complexo ao se juntar com as pinturas e outras técnicas aprendidas no curso de Arte Visuais, licenciatura e, depois, bacharelado. Ao completar estes poemas, acredito estar contribuindo para uma fase presente que está sendo criada não só por mim, mas por poetas contemporâneos a mim, que vêm encontrando nas artes visuais novos mecanismos para a poesia nessa era digital e também criando novos formatos para publicações impressas.



Imagem 23. *Retrato-Poema: Maria*, 2023. 30 x 30 cm. Acrílica sobre Madeira Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 24. *Retrato-Poema: Zé Pilintra*, 2023. 30 x 30 cm. Acrílica sobre Madeira Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 25. *Retrato-Poema: Sebastião*, 2023. 30 x 30 cm. Acrílico sobre Madeira Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 26. *Poemas: Maria, Zé Pilintra e Sebastião*, 2023. 30 x 96 cm. Acrílica sobre Madeira Fonte: Arquivo Pessoal



## PRECISO COMER PALAVRA TODO DIA

Quando comecei minhas andanças pelas ruas de Goiânia, lá em 2010, não imaginava que o que eu estava fazendo poderia vir a ser uma pesquisa que faria todo o sentido agora, com este trabalho de conclusão de curso que encerra este ciclo de formação e compreensão das minhas práticas. Vivia à beira da morte e a necessidade de escrever poemas era simplesmente para permanecer vivo em algum espaço depois que meu corpo fosse embora, pois desde muito pequeno aprendi a observar o espaço para sobreviver e permanecer vivo, tudo era uma questão de estar atento, as coisas eram aprendidas na escuta e no exemplo.

Me propus a fazer este retorno e perceber quais eram os exercícios e processos que me levavam à criação do poema escrito e, depois, ao poema desenhado, pintado ou pixado. Levando em consideração alguns poemas escritos e poemas plásticos produzidos até aqui, percebo que algumas experiências da minha vida foram muitas vezes espaços de formação para o poeta.

Quando criança, foram as fachadas das lojas e os muros e paredes da cidade que auxiliaram a minha mãe a me ensinar a ler e, futuramente, este se tornaria o exercício usado para conhecer a cidade e me adaptar às mudanças futuras. Agora, com este olhar voltado para toda essa trajetória, percebo nesse exercício uma prática artística que, neste momento, encontro apenas um nome para mencioná-la, uma palavra usada pela minha orientadora, *autobiogeografia* (Rodrigues, 2017), onde me percebo e produzo a partir do espaço que ocupo na cidade, na vida, no discurso e tudo pelo que o meu corpo expressa e responde.

A educação recebida durante a infância e os anos de formação social e política em Altamira, assim como a formação crítica, se tornou motivação para contar minhas próprias histórias com a preocupação de não esconder fatos. Sabia muito bem, por experiência própria, o perigo das mentiras e das versões que as histórias podiam contar e isso me obrigava a ser sincero, nem que custasse também a mim. Cobranças essas, que existiam por me sentir um registrador, um contador de histórias, mas com um pacto com os fatos. E acredito que o exercício percebido aqui nesta pesquisa, do uso da agenda e outros cadernos como diário, fez com que os visse não apenas como

instrumentos que ajudam na organização dessas ideias e na produção de poemas, mas também como um processo de atualização com a pesquisa e como terapia, com registros de vida e experiência.

O acompanhamento espiritual e amigável com Zé Pilintra também é fato indispensável para compreender como o relacionamento com a rua foi percebido, assim como um ponto de partida para um retorno aos estudos negros, me reeducando com as histórias que me foram retiradas, e também, como essas andanças pelas ruas me proporcionaram adquirir matérias para a produção artística e também no relacionamento com a sociedade. Os materiais que recolho são diversos e carregam a característica de serem superfícies para as pinturas e intervenções que aplico. Mesmo sendo trabalhos com intervalos e concepções distintas, eles se encontravam em uma encruzilhada onde se interligam, sejam nas representações dos Orixás, seja nos trabalhos sobre o Aiyê. Exu me salvou da morte e me deu nova vida, e ela está inteiramente ligada a essa força e já vivo em dois mundo há algum tempo, entre energias e a gravidade que nos prende à terra, tendo suas próprias pesquisas em paralelo, mas que são para outro momento.

Essas forças hoje são revigoradas e estudadas em minha experiência no Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes do artista Dalton Paula, onde mantenho meus diálogos sempre ativos e recebo suas orientações nas dúvidas e outros questionamentos sobre a pesquisa.

Percebo que meus poemas passam por um processo de viver a vida, para que assim eles possam nascer. O poeta vive primeiro para que a poesia viva o torne vivo. Prática infinita de vida, experiência, escrita, produção e vida, um ciclo repetido diversas vezes. Gosto de contar histórias e agora me percebo cheio de técnicas que me ajudarão a contá-las de várias formas.

Como “ruero”, termo apropriado aqui nesta pesquisa, sei que a Rua está cheia dessas histórias para serem contadas e mostradas, detalhes despercebidos para aqueles que não a vivem, mas também sabendo dos segredos que não devem ser revelados. Registrar histórias é o que venho fazendo desde o primeiro momento que cheguei em Goiânia. A rua é campo infinito dessas histórias que muitas vezes são ignoradas por suas miudezas, mas as que me encantam são essas mesmas, histórias que são vilipendiadas. Meu serviço se encontra a favor do povo trabalhador. Estou a serviço das histórias dos excluídos e assim exerço meu pensamento revolucionário, como artista e

poeta, de Altamira a Goiânia, nas encruzilhadas do mundo, das linguagens, das disciplinas, indisciplinado.

Com esta produção que entrego neste trabalho de conclusão de curso, apresento o início dessa nova fase com os alicerces que mantêm o poeta vivo e produtivo, alicerces que criaram o corpo e a mentalidade do poeta. As três pessoas retratadas nos poemas dão início a uma nova jornada, ao registros das pessoas que passam pela minha vida e as histórias que vou registrando pelo caminho. Elas são constantemente lembradas em cada decisão tomada e, se hoje consigo realizar esta pesquisa, devo muito à Maria Simão, Sebastião Vaz e Zé Pilintra, que me ensinaram o valor da estrada e das pessoas que encontramos no caminho. Iniciar esse novo ciclo na minha produção artística, onde retratos e palavras se encontram, se torna essencial, pois comecei apresentando as personagens principais para criação e formação do poeta, símbolos importantes para quem sou e que tipo de poeta me tornei.

Começo uma nova fase, e agora minha vida é encaminhada novamente às letras. Eu, que tive só palavras para comer. Em 2016 matei o poeta, queimei seus registros, apaguei seu rastro, resetei o jogo e voltei para Altamira. Lá mesmo, recebi a notícia que havia passado para o curso de artes visuais e que deveria voltar a Goiânia. Para isso, criei um novo ser, zerado de lembranças que eu não consegui esconder. Como vimos nesta trajetória, diversas vezes ele se mostrou presente em alguns trabalhos, enquanto eu acreditava estar sendo um artista visual, mas ainda permanecia a pensar como poeta. E agora, me sinto motivado a ressuscitá-lo, comer palavras novamente, deixá-lo no comando. Recebo o poeta como quem, no desespero, suspira com a chegada do herói.

Esta pesquisa é um encontro, uma comunhão entre a poesia aprendida na rua e os saberes acadêmicos ensinados na Faculdade de Artes Visuais. A partir daqui darei início a uma nova pesquisa em que pretendo me aprofundar ainda mais nos poemas que dialogam com retratos e trazem histórias desconhecidas das ruas para os espaços artísticos como forma de fazê-los presentes. Poemas que ocupam diversos espaços e os transformam em lugares permeados pelas relações entre o poeta e a rua no exercício da criação do poema. Tenho pressa, pois me sinto atrasado no processo. Me reconheci tarde, conheci algumas leituras tardiamente e vou me formar depois dos trinta anos. A poesia precisa ser viva, e me sinto encarregado de produzi-la, colocá-la no mundo.

Pretendo continuar usando os cadernos nos quais venho durante todo esse tempo

separando as frases e ideias dos poemas que fui registrando, mas ciente das técnicas e novos caminhos que venho encontrando com a pintura e o estudo dos retratos. Percebo, em meu trabalho, tanto com a poesia como com a pintura, que me preocupo em criar uma cena, localizar o espectador diante da obra.

O exercício da composição dessas histórias é que vem se tornando foco de minhas ações, e venho fazendo nesta atividade de juntar as frases já guardadas com esses retratos e representações que agora se juntam em novos poemas. Para isso, quero me aprofundar ainda mais nas ideias da pesquisa autobiogeográfica, de autolocalização, catalogação e escrita, que trarão uma contribuição para uma continuidade na pesquisa e nas práticas na observação e vivência na rua.

Os exercícios de andanças e recolha de materiais não se alteram, pois fazem parte natural da vivência do poeta. O que acredito se transformar agora é a nova percepção presente por meio do estudo desta pesquisa que agora traz um foco sobre as coisas que me interessam nesse diálogo com a rua.

E por fim, buscar leituras que me ajudem a basear-se teoricamente, como conceitos de escrevivência de Conceição Evaristo e as poesias de Carolina de Jesus, ainda me aprofundar nos conceitos de griôs, que me ajudarão nas buscas dessas histórias imagens que registro em minhas pesquisas.



## REFERÊNCIAS

BAUER, Elisa Biassio Telles. **Poética do Inacabável: Banco de ideias de Paulo Bruscky**. Porto Alegre, 2014. – Dissertação de Doutorado.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas/org**. Blanca Brites e Elida Tessler. – Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade, 4).

BRUSCKY, Yuri; BRUSCKY, Paulo. **Exposição História da Poesia Visual Brasileira**. SESC-SP: 2019. p.63.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas/** Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008, p.194.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto/** Luciana Hidalgo. – Rio de Janeiro: ROCCO, 2016.

LERIA, Andreza Moraes Branco. **Entre inscrições e escreções: a poética de Wladimir Dias-Pino/** Andreza Moraes Branco Leria. – 2015. 118f.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela/** Leda Maria Martins. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256p.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. In: Carta: falas, reflexões, memórias. Brasília, Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, n.13, p. 19-30, 1994.

NASCIMENTO, M. A. C.; MAUES, S. S. S. . **Feminismo e Políticas Públicas**. In: III Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2007, São Luís do Maranhão. III Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luiz: UFMA, 2007.

NORONHA, C. U. A. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento. **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, Brasil, v. 22, n. 2, p. 185–191, 2012. DOI: 10.18224/frag.v22i2.2307. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/2307>. Acesso em: 4 jan. 2024.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiogeografia como metodologia decolonial, In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas,

26o, 2017, Campinas. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017b. p.3148-3163. Disponível em:  
[http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro\\_\\_\\_\\_\\_RODRIGUES\\_Manoela\\_dos\\_Anjos\\_Afonso.pdf](http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_____RODRIGUES_Manoela_dos_Anjos_Afonso.pdf). Acesso em: 5 jan. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**/ Luiz Antonio Simas. – 5. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Urbanismo Africano: 6000 mil anos construindo cidades (uma introdução ao tema)**. Revista Teias v. 21 • n. 62 • jul./set. 2020 • Ensaio • Seção Temática Raça e Cultura.  
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48759/35074>  
Acesso em jan. 2024.



R.VAZ 21